

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

LUCIANA CAROLINE SILVA FAGUNDES

**PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DO
MUNICÍPIO DE VESPASIANO:**

**Um diagnóstico da abordagem da educação ambiental no ensino
fundamental do município**

Belo Horizonte

2017

LUCIANA CAROLINE SILVA FAGUNDES

**PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DO
MUNICÍPIO DE VESPASIANO:**

**Um diagnóstico da abordagem da educação ambiental no ensino
fundamental do município**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Socioambientais da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho

Belo Horizonte

2017

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me amar deste o princípio e não desistir de mim. Obrigada Senhor por todo consolo, força e por cada oportunidade e porta que tem aberto na minha vida, obrigada por sempre me surpreender! Agradeço aos meus pais, Lúcio e Cláudia, por serem minha base, por me apoiarem e me ajudarem sempre que precisei. Aos meus irmãos lindos, que são meus tesouros. A minha família, principalmente vó e tia por investirem em meus estudos e sempre serem o apoio quando meus pais não podiam. Aos amigos, irmãos da Igreja Batista da Lagoinha que celebraram comigo em cada vitória e oraram por cada necessidade que me sobreveio. Aos hexa por todo carinho e amizade de anos. Aos colegas de trabalho, os amigos de vida que me aturaram em todo esforço. A UFMG, cada docente, pelo crescimento e por partilharem de seus conhecimentos. A turma de 2013 de Ciências Socioambientais por cada experiência compartilhada, aos amigos e companheiros que levarei para a vida, incluindo Junia, Mary, Jon e Bruno, por me aturarem desde o começo dessa jornada. Ao professor Dr. Ely Bergo de Carvalho por me auxiliar neste trabalho, guiando meus passos nesta pesquisa. A cada escola, nas pessoas das diretoras, professores, por me darem a oportunidade de crescer e conhecer um pouco mais da realidade do município de Vespasiano, eu acredito na educação! Enfim, obrigada a todos que fazem parte deste processo e que se alegram com mais esta vitória!

Resumo

O tema meio ambiente tomou dimensões incalculáveis. Os vários acidentes e problemas ambientais trouxeram essa perspectiva para todos os campos da sociedade e a educação foi um deles. A partir de 1972, com a conferência de Estocolmo e o auge das conferências em torno da problemática, houve a disseminação da importância de uma educação que pretendia se atentar para práticas que formassem cidadãos percebidos do ambiente em que se encontravam. Assim a EA passou a fazer parte do ensino formal, e em 1997 passou a ser tema da matriz curricular brasileira de forma transversal. Visto a relevância desta abordagem na educação formal, o presente estudo teve a intenção de conhecer as práticas de Educação Ambiental presentes na educação do município de Vespasiano no ensino fundamental II, que compreende alunos do 6º ao 9º e através de uma pesquisa de campo e levantamento de dados diagnosticar como tem sido discorrida a temática ambiental no município. Para isto, foram selecionadas três escolas, uma em cada âmbito (municipal, estadual e particular), para que além de conhecer as práticas, pudesse verificar as possíveis diferenças existentes em cada âmbito. A Educação Ambiental no ensino formal é importante, pois contribui com a formação dos cidadãos que poderão se atentar para a dimensão holística desta abordagem, contudo existe ainda muitas dificuldades para implementação de uma EA que esteja voltada não apenas para as questões biológicas, mas que carregue em si um cunho político e de identidade, social, cultural, além de biológica. As próprias questões do ensino formal, principalmente a divisão de disciplinas que se apresenta no ensino fundamental II é um entrave nesta questão, mas vê-se ainda uma falta de estrutura de coordenação, professores e principalmente de instituições para um apoio a disseminação da EA. Observou-se também poucas diferenças em decorrência das práticas em escolas públicas e particulares aqui analisadas, sendo para a abordagem da EA, isto foi bastante singelo. Apesar de todas as questões levantadas neste trabalho, pode-se perceber que existem práticas pontuais de EA e algumas intenções interessantes nesta esfera, mas que há ainda muito trabalho a fazer.

Abstract

The environment theme has taken on incalculable dimensions. The various accidents and environmental problems brought this perspective to all fields of society and education was one of them. From 1972, with the Stockholm conference and the height of the conferences around the problematic, there was the spread of the importance of an education that was intended to be attentive to practices that formed citizens perceived of the environment in which they were. Thus, EA became part of formal education, and in 1997 became the theme of the Brazilian curricular matrix in a transversal way. Considering the relevance of this approach in formal education, the present study intends to know the Environmental Education practices present in the Vespasiano municipality in elementary school two, which includes students from the 6th to the 9th grade and through a field survey and survey To diagnose how the environmental theme in the municipality has been discussed. For this, three schools were selected, one in each scope (municipal, state and private), so that besides knowing the practices, it could verify the possible differences existing in each scope. Environmental Education in formal education is important, as it contributes to the training of citizens who may be attentive to the holistic dimension of this approach, but there are still many difficulties for the implementation of an approach that focuses not only on biological issues but also in itself a political and identity, social, cultural, as well as biological. The very issues of formal education, especially the division of disciplines that presents in elementary education II is an obstacle in this issue, but there is still a lack of coordination structure, teachers and mainly institutions to support the dissemination of EA. There were also few differences as a result of the practices in public and private schools analyzed here, and for EA's approach, this was quite simple. Despite all the issues raised in this work, it can be seen that there are occasional EA's practices and some interesting intentions in this area, but there is still a lot of work to do.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	10
3	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	15
3.1	Histórico da Educação Ambiental Mundial	15
3.2	Histórico da Educação Ambiental no Brasil	16
4	CONHECENDO O MUNICÍPIO DE VESPASIANO	19
4.1	O ensino do município	21
5	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	26
5.1	Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual – Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais	26
5.2	Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal – Escola Municipal Prefeito Marconi Issa	27
5.3	Projeto Político Pedagógico da Escola Particular – Casa de Brinquedo / Colégio Elo	28
6	PERFIL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE VESPASIANO	30
6.1	Perfil dos professores do CTPM	30
6.1.1	Com relação ao tempo de atuação na escola:	30
6.1.2	Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:	30
6.2	Perfil dos professores do Colégio Elo.....	30
6.2.1	Com relação ao tempo de atuação na escola:	30
6.2.2	Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:	30
6.3	Perfil dos professores da Escola Municipal Prefeito Marconi Issa.....	31
6.3.1	Com relação ao tempo de atuação na escola:	31
6.3.2	Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:	31
6.4	Perfil geral dos professores	31
7	DISCUSSÕES E RESULTADOS	34
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
9	BIBLIOGRAFIA.....	55
10	APÊNDICES	58

10.1	Apêndice A – Roteiro das entrevistas realizadas aos professores, diretores e Secretária Municipal de Educação	58
10.2	Apêndice B – Fotos das escolas abordadas nesta pesquisa	59
10.2.1	Fotos da Escola Municipal Prefeito Marconi Issa	59
10.2.2	Fotos do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais.....	64
10.2.3	Fotos do Colégio Elo	66

1 INTRODUÇÃO

O tema meio ambiente tem tomado grande dimensão sobre a esfera política, seja pela percepção de que este é importante para o sustento da sociedade, seja pela apropriação de atores sociais que o tomam de várias formas, para sustentar suas teses ou o utilizam como parte de si. Os mais diversos acidentes ambientais e o crescimento de uma sensibilidade ambiental chegaram a diversos países e a preocupação de trazer o tema ambiental para o ensino escolar passou a ser o foco de várias organizações.

A Educação Ambiental surgiu no contexto das diversas “conferências mundiais e com os movimentos sociais” (REIGOTA, 2009, p. 21) como a solução para a relação do homem com o meio ambiente e até os dias atuais é considerada um importante agente de transformação nesta esfera.

A escola é vista neste contexto como grande referência para aprendizado desta prática e mudança de relação com o meio ambiente, já que “a escola é o espaço social e o local onde o aluno dará sequência ao seu processo de socialização, iniciado em casa, com seus familiares. Assim, é evidente a importância da escola no processo de formação, tanto social quanto ambiental, dos seus alunos” (PONTALTI, 2005 apud SILVA, 2008).

Apesar da constituição brasileira de 1988 expressar que a Educação Ambiental deveria ser promovida em todos os níveis de ensino, ela só foi maior dialogada no ambiente escolar a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso, onde o Ministério da Educação elaborou o Projeto Parâmetros Curriculares Nacionais, onde traçava-se o meio ambiente nas didáticas escolares de forma transversal (REIGOTA, 2009, p. 41).

Entretanto, a entrada da EA¹ no ambiente escolar de forma a perpassar várias disciplinas ainda não possibilitou que a mesma fosse efetiva neste campo, por diversos aspectos. Em alguns aspectos a inclusão do meio ambiente é apenas uma burocracia que acaba não permitindo que a Educação Ambiental tome seu papel, sem, contudo, um plano de integração, sendo acrescentadas somente meras informações de forma aleatória.

Atualmente, tal autocrítica, em geral, não é feita. Por exemplo, a incorporação do meio ambiente nos livros didáticos de História, muitas vezes, é feita apenas para atender a demanda de avaliadores do Ministério da Educação e é feita de forma superficial, apenas acrescentando “informações ambientais” nos livros de História, sem a proposta de uma reflexão sobre a questão ambiental. (SOARES; NOVICKI, 2006 apud CARVALHO, 2010, p. 4).

¹ Sigla destinada a Educação Ambiental.

Existem ainda muitos outros aspectos neste campo que ainda impedem que a Educação Ambiental atinja o alvo ao qual foi criada. Relevante trazer o aspecto da percepção da Educação Ambiental tecnicista, que para autores como Reigota (2009); Neves (2004); Carvalho (2010), abordam a Educação Ambiental de forma reducionista, a remetendo a disciplinas isoladas que já trazem questões do meio ambiente como sinônimo de questões biofísicas ou meramente técnicas, como ocorre frequentemente com a geografia e biologia.

Neves (2004) traz o conceito de “adestramento ambiental” ao fato de muitas vezes o que seja considerado EA apenas transmitir conceitos por meio destas disciplinas, sem, contudo, trazer os questionamentos pertinentes a própria Educação Ambiental em si. O que para Reigota (2009, p. 49) não pode ser considerado nem Educação Ambiental, por não abordar “aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais” tendo uma ênfase apenas a que reduz a conservação por si só.

Em tal perspectiva reducionista e disjuntiva, a Educação Ambiental seria um tema para as áreas de Geografia e Biologia. De forma que não é coincidência que sejam os professores dessas disciplinas que organizam, prioritariamente, os trabalhos de Educação Ambiental nas escolas, e que sejam tais disciplinas, que hoje formam os paradigmas transdisciplinares que colonizam os estudos das relações sociedade-natureza. (LEFF, 2005, apud CARVALHO, 2010, p.3).

Outra problemática que dificulta a expressão da Educação Ambiental é a própria dinâmica de ensino da maioria das escolas brasileiras, principalmente as públicas, onde vê-se:

Há pelo menos três ordens de fatores que levam a pouca expressividade da Educação Ambiental nas escolas brasileiras: a) a falta de uma “consciência ambiental” por parte de gestores e educadores, ou dito de outra forma, a não priorização dessa temática por parte desses agentes; b) a crônica carência material e de condições de trabalho, em especial nas escolas públicas: baixos salários, salas superlotadas, que dificultam em muito, por exemplo, um trabalho interdisciplinar nas escolas; e c) a estrutura fragmentada do conhecimento moderno, voltado para o controle e não para o diálogo com a natureza, que é reproduzido nas escolas. (CARVALHO, 2010, p. 3).

Pode-se perceber que o corpo docente também não tem conhecimento nem apoio institucional para trabalhar a Educação Ambiental de forma adequada, o que seria o primeiro passo na consolidação deste campo, professores que conheçam a Educação Ambiental de forma política e que assim possam transmiti-la.

A Educação Ambiental também não está engessada a uma prática, pois como Reigota (2009, p. 29) observa, “existe grande variedade de práticas que se auto definem como “educação ambiental”, mostrando sua criatividade e importância” e, portanto, pode ser aplicada de várias formas, está variedade é importante, pois não a limita a uma forma regular, mas também pode permitir uma generalização, como se todas as práticas que tivesse foco no meio ambiente convertessem em EA.

Com isso, este trabalho tem um intuito de diagnosticar as práticas da Educação Ambiental no município de Vespasiano, Região Metropolitana de Minas Gerais, para entender como a EA tem sido percebida no ambiente escolar e como tem sido repassada aos alunos do município. Buscando conhecer o que no contexto escolar da região de Vespasiano tem sido denominado EA.

Através de entrevistas em escolas com melhores desempenhos do município, observar o conhecimento dos docentes sobre o tema, bem como suas perspectivas com relação a EA. Por meio de comparação, saber se há diferenças nestas percepções para escolas públicas e particulares, pois para Neves (2004, p. 111) “a qualidade da educação que recebem diferentes crianças varia de acordo com sexo, origem, e status financeiro de seus pais”, averiguando se a EA entra neste contexto de ser percebida de forma diferente em nível público/privado.

Para alcançar estes objetivos, este trabalho se estrutura em 6 capítulos. Na introdução, procurou-se abordar alguns pontos importantes da educação ambiental e entraves proporcionados no ambiente escolar, além de expor os objetivos a que esta pesquisa se dá para permitir ao leitor compreender suas bases. No primeiro capítulo é possível encontrar a metodologia de abordagem deste trabalho, quais foram as principais buscas para melhores resultados para esta pesquisa. No segundo capítulo encontra-se o histórico da educação ambiental, tanto em nível mundial, quanto brasileiro, pois ao entender essa trajetória, é possível conceber alguns pontos corriqueiros deste tema. O capítulo 3 captura a respeito do município que abriga as escolas estudadas nesta pesquisa e dentro dele um pouco do ensino em sua totalidade, limitações e dados da avaliação diagnóstica da Prova Brasil 2015. Já no capítulo quarto é possível através do Projeto Político Pedagógico conhecer as escolas onde foram estudadas as práticas de educação ambiental no município. O capítulo 5 se refere ao perfil dos professores que lecionam nas escolas estudadas, possibilitando conhecer o profissional disponível nas instituições de ensino. No capítulo 7 inicia-se as discussões e resultados provenientes de toda pesquisa desempenhada neste trabalho. E no encerramento deste trabalho é possível conhecer as conclusões percebidas em todo corpo metodológico presente neste trabalho, bem como fotos que trazem um pouco da estrutura física das escolas que permearam esta pesquisa.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou-se de um conjunto de metodologias partindo da escolha das escolas que seriam consideradas para visualizar práticas de Educação Ambiental no Município de Vespasiano, procurou-se perceber em cada âmbito, municipal, estadual e particular as mudanças e leituras realizadas ao tema em cada base de ensino, visões, diferenças e métodos de trabalho.

Para selecionar as instituições de ensino na esfera pública (municipal e estadual), foram levantados dados do desempenho das escolas do Município na “Prova Brasil”² no ano de 2015, último ano disponibilizado até então no site do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Levando em conta que este trabalho busca práticas de EA com foco no Ensino Fundamental II, foram realizadas médias dos resultados nos testes de português e matemática do 9º ano do Ensino Fundamental.

Todas as escolas que tinham dados disponíveis no site do INEP, foram classificadas, em cada âmbito para escolha do melhor desempenho em nível municipal e estadual, como pode ser visualizado nos quadros abaixo:

Quadro 1 - Desempenho das Escolas Municipais de Vespasiano na Prova Brasil: Melhor desempenho das Escolas em nível municipal do município de Vespasiano. Médias realizadas através dos resultados de desempenho na Prova Brasil em 2015.

Nome da Escola	Resultado da Avaliação de Português	Resultado da Avaliação de Matemática	Média das avaliações
E. M. Prefeito Marconi Issa	267.63	271.06	269.345
E. M. Senhor do Bonfim	257.50	275.18	266.34
E. M. José Silva	266.36	265.89	266.125
E. M. Maria de Paula Santos	265.30	265.89	265.595

² A Prova Brasil é uma avaliação diagnóstica compostas por testes de português e matemática que são aplicados ao 5º e 9º ano do Ensino Fundamental.

E. M. Maria Aparecida de Barros Santos	262.39	264.51	263.45
E. M. Bárbara Maria Salomão	254.46	255.14	254.8
E. M. Ordelina Lourdes Costa	256.49	252.50	254.495
E. M. Josefina Alves Vieira	237.10	247.39	242.245
E. M. José Paulo de Barros	236.82	245.49	241.155

Fonte dos resultados: <http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/>

Quadro 2 - Desempenho das Escolas Municipais de Vespasiano na Prova Brasil: Melhor desempenho das Escolas em nível estadual do município de Vespasiano. Médias realizadas através dos resultados de desempenho na Prova Brasil em 2015.

Nome da Escola	Resultado da Avaliação de Português	Resultado da Avaliação de Matemática	Média das avaliações
Colégio Tiradentes PMMG	289.44	298.31	293.875
E. E. Machado de Assis	262.03	265.69	263.86
E. E. Professor Guilherme Hallais França	261.56	259.51	260.535
E. E. Padre José Senabre	248.69	255.87	252.28
E. E. NilaFaraj	236.47	238.39	237.43

E. E. Francisco Viana	236.93	233.97	235.45
E. E. Deputado Renato Azevedo	214.78	231.72	223.25
E. E. José Gabriel de Oliveira	213.05	231.10	222.075
E. E. Maria da Piedade Fonseca ³	-	-	-

Fonte dos resultados: <http://sistemasprovabrazil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/>

Por meio das médias o melhor desempenho na Prova Brasil para o nível estadual foi do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais e no nível municipal a Escola Municipal Prefeito Marconi Issa.

Para escolha da escola particular foi proposta outra metodologia, pois esta esfera é avaliada por tal avaliação de forma amostral e não foi encontrado dados do município disponíveis. Então procurou-se a escola particular que está presente no município a mais tempo.

Foram então levantados dados das escolas particulares que tinham o fundamental II e entre elas a mais antiga e descobriu-se a existência no município de somente três escolas particulares que oferecem o fundamental II, entretanto uma delas este ano não está trabalhando com este nível. Entre as outras duas foi possível identificar que uma delas está presente em Vespasiano desde 1986 e que possui o fundamental II desde 2003, sendo, portanto, a escolhida para desenvolvimento desta pesquisa a referida escola, Casa de Brinquedo / Colégio Elo.

A partir das seleções das escolas foi realizado o contato e disposição de cada uma em contribuir nesta pesquisa.

A escola estadual selecionada, Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais possui um corpo de atuação diferenciado com direção administrativa de responsabilidade da Polícia Militar de Minas Gerais que atua com a disposição de mecanismos de disciplinas e regras, bem como também na parte pedagógica com a DEAS (Diretoria de Educação Escolar e Assistência Social) que tem sede na Cidade Administrativa e envia o planejamento anual para a escola. Também possui um corpo pedagógico que lida diretamente com o processo de aprendizagem e é eleito pelos pais e comunidade escolar. Para a pesquisa foi dirigido um

³ A E. E. Maria da Piedade Fonseca não teve dados disponíveis para o ano de 2015.

primeiro contato com a sala de imprensa da Polícia Militar e posteriormente com a Major Regiane, responsável pelas liberações dentro do DEAS. Foi enviado uma carta de apresentação do orientador, juntamente com o projeto desta pesquisa. Após a liberação, foi realizado o contato com a Diretora pedagógica do Colégio Tiradentes. As entrevistas aos professores foram realizadas em horários determinados onde os mesmos dispunham de horários vagos, sendo realizadas 5 visitas para tal, totalizando 10 entrevistas, 1 com a diretora pedagógica e 9 com professores. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Na escola particular Casa de Brinquedo / Colégio Elo foi realizada uma abordagem inicial por meio telefônico e a partir desta comunicação o agendamento da visita para apresentação da pesquisa a supervisora, que se mostrou bem receptiva quanto a escolha da escola. A escola é dirigida pela sociedade de 2 irmãs e adotou o Sistema Positivo de Ensino há 2 anos. As visitas ocorreram em 6 ocasiões onde os professores eram abordados em horários vagos disponíveis, sendo realizadas 10 entrevistas, 9 a professores e 1 a diretora do turno da manhã, respectivo turno do fundamental II. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, com exceção da entrevista da professora de Ciências, que solicitou que não houvesse gravação.

A Escola Municipal Prefeito Marconi Issa foi a que mais se teve dificuldades para realização da pesquisa, devido a vários fatores. Primeiramente foi pedido a Secretaria Municipal de Educação de Vespasiano a autorização para tal abordagem na escola, contudo essa autorização veio após grande insistência. Com a devida autorização por parte da Secretária de Educação, o contato foi realizado com a diretora da escola, que vezes pareceu bastante solícita, contudo adiou por semanas o primeiro encontro. Foi enviado a mesma a carta de apresentação e projeto desta pesquisa previamente por e-mail antes do primeiro contato físico. Foram realizadas 8 visitas a escola, ocorrendo 1 entrevista com a diretora e 8 com professores. As entrevistas aos professores ocorriam em dias de módulo na escola (normalmente os professores da Rede Municipal de Vespasiano tem 1 dia de módulo na secretaria, 1 em casa para planejamento e 2 na escola para encontros com a supervisão, entes dias são distribuídos no mês, ocorrendo cada um em uma semana), entretanto vários agendamentos foram realizados com a supervisora ou direção e ao chegar na escola os professores tinham acordado formas diferentes e não dispunham de horário para atendimento ou não estavam no local. Também houve a recusa, mesmo diante da explicação da pesquisa, de um dos professores de português da escola, que se opôs a responder a entrevistas, as demais realizadas, foram gravadas e posteriormente transcritas. Importante salientar que a Escola Municipal Prefeito Marconi Issa dispunha de maior número de classes do 6º ao 9º e, portanto, maior número de professores, mas devido as

dificuldades relatadas acima, acabou sendo a menor em número de professores entrevistados comparado as demais escolas.

Para compreensão do perfil de cada uma das escolas, foi primeiramente realizada uma leitura da Projeto Político Pedagógico de cada uma delas, onde procurou-se averiguar as bases institucionais, missão e visão das mesmas, bem como os projetos que foram desenvolvidos nos últimos anos.

Após esta leitura, foram realizadas entrevistas com o maior número possível de professores que lecionam para alunos do 6º ao 9º ano, para compreensão de práticas de EA, visões dos mesmos com relação ao tema, suas disciplinas e contribuições da EA para o ensino. As entrevistas⁴ foram semi-estruturadas, que segundo Manzini (s/d) permite um roteiro que “serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante”, permitindo que houvesse uma organização na entrevista, sem, contudo, que houvesse um rigor a ordem ou a forma como seriam feitas, pois seguiam o fluxo das respostas de cada docente.

Fica entre dois extremos discutidos. O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem pré-determinada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer. (MOREIRA, 2002, p. 55 apud ARARUNA, 2009, p. 45).

Para compreensão da visão de forma geral e dos desafios apresentados na educação do município, foi também realizada tentativas de entrevista com a Secretária Municipal de Educação. Foram várias buscas por agendamento de entrevistas com algumas negativas ou colocação por parte da pessoa da secretária de impedimentos por muitos compromissos na agenda, contudo a mesma aceitou responder a 4 perguntas previamente entregues, por escrito.

A partir das respostas em entrevistas e de toda metodologia descrita acima, foi possível compreender quais tem sido as práticas de EA no município de Vespasiano, estabelecendo assim um diagnóstico da temática no ensino fundamental II.

⁴ O roteiro das entrevistas para Docentes, Diretores e Secretária de Educação de Vespasiano se encontram nos apêndices, p. 58 e 59.

3 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A maioria dos trabalhos em Educação Ambiental busca compreender o processo pelo qual caminhou e tem caminhado a Educação Ambiental e utiliza-se do contexto histórico para isto.

Sabe-se que “a história não é apenas um conjunto linear de datas, heróis e eventos” (REIGOTA, 2009, p. 22), mas ao abordá-la pretende-se desvendar os rumos e as necessidades e vertentes a cada contexto, “pois a história não é homogênea” (NEVES, 2004, p. 17), mas por meio dela pode-se descobrir suas singularidades.

3.1 Histórico da Educação Ambiental Mundial

A expressão Educação Ambiental foi citada pela primeira vez, segundo Effting (2007, p. 5) em 1965, na Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Inglaterra, e passou a ser entendida desde então como uma recomendação que deveria ser essencial na educação de todos os cidadãos. A partir deste episódio e com os debates que surgiram em 1968 com a reunião do Clube de Roma, que permitiu colocar a problemática ambiental em nível planetário, intensificou-se as conferências que buscavam medidas para melhor relação do homem com o ambiente.

Em 1972, a Organização das Nações Unidas realizou a Conferência de Estocolmo, na Suécia. Nesta conferência foram assumidas metas para encontros regionais e internacionais de Educação Ambiental, com responsabilidade de organização da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

O primeiro encontro cujo tema principal era a Educação Ambiental ocorreu em 1975, na Iugoslávia e ficou conhecido como o Encontro de Belgrado, neste encontro foram definidas providências necessárias para estabelecer o Programa Internacional de Educação Ambiental. Surgiu a partir de então a Carta de Belgrado que traz além de uma abordagem sobre a situação ambiental no mundo, questionamentos sobre desigualdade entre nações, ricos e pobres, metas e objetivos para o meio ambiente e para a Educação Ambiental em nível mundial que buscava possibilitar “(...) o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, de valores e atitudes, enfim, um esforço visando a qualidade do ambiente e, sem dúvida, uma qualidade de vida digna para as gerações presentes e futuras” (UNESCO, 1975). Para Reigota (2009, p. 53)

a Carta de Belgrado apresenta 6 objetivos: Conscientização, conhecimento, comportamento, competência, capacidade de avaliação e participação que visam levar os indivíduos a compreensão das suas atitudes em relação ao meio ambiente, o que para este autor vai além, pois a EA permite ampliar tais discussões e foi isso que proporcionou por meio dos demais documentos que seguiram a carta.

Dois anos mais tarde, em 1977 a Unesco e o Pnuma promoveram na Geórgia a conferência de Tbilisi, que foi um encontro Intergovernamental sobre a Educação Ambiental. Deste encontro foi gerado a “Declaração sobre Educação Ambiental, que dispensava objetivos, estratégias e princípios para o desenvolvimento da Educação Ambiental”. (DIAS, 1994 apud MACHADO, 2007).

Através das conferências mundiais, os países começaram a realizar ações locais, que tinham como tema em evidência a EA.

3.2 Histórico da Educação Ambiental no Brasil

O processo de institucionalização da Educação Ambiental no Brasil, se deu conforme ProNEA (BRASIL, 2005, p. 24) com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), em 1973, que estabeleceu como parte das suas atribuições que o povo brasileiro deveria aprender sobre o uso adequado dos recursos naturais para a conservação do meio ambiente. É importante salientar o fato de o Brasil neste período vivenciar uma ditadura e um processo de intencionalidade do progresso, o que torna a criação da SEMA e suas atribuições ainda mais relevante em meio ao retrocesso da época, “pois o meio ambiente era visto como “inimigo do progresso”” (REIGOTA, 2009, p. 83). Todavia, segundo o citado autor “independente do autoritarismo do governo tecnocrático da ditadura militar, uma consciência ambiental crítica surgiu no Brasil nos anos de 1970”. (REIGOTA, 2009, p. 84).

Outro passo também citado é a constituição da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), de 1981, que elencou a necessidade de inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino. O que foi reforçado pela Constituição de 1988, onde, conforme art. 225 §1º, VI, se estabelece que o Estado deverá “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

A lei nº 9.795, de 27/04/1999 da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), propõe outros aprofundamentos, onde a Educação ambiental precisa ser integrada aos programas educacionais que as próprias instituições de ensino desenvolvem, tendo “ênfase

humanista, holístico, democrático e participativo” art. 4º, parágrafo I. Esta mesma lei institui outros princípios onde no art. 8º, §2º, parágrafo II, assume que deve se haver incorporação da dimensão ambiental na formação dos educadores.

Para Effting (2007, p. 22) a PNEA é uma proposta programática de promoção da EA, que não estabelece regras ou sanções, mas responsabilidades e obrigações, assim institucionalizando a EA e legalizando seus princípios.

Na educação formal, o Órgão Gestor da PNEA, por intermédio do MEC, tem o desafio de apoiar professores a se tornarem educadores ambientais abertos para atuar em processos de construção de conhecimentos, pesquisa e intervenção educacional com base em valores voltados à sustentabilidade em suas múltiplas dimensões. Em termos estratégicos, de forma integrada ao Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), foi criada, como continuidade da Conferência, uma grande ação presencial de formação de professores para potencializar o enraizamento da educação ambiental a partir de uma ética ecológica que promova transformações empoderadoras dos indivíduos, grupos e sociedades. (SORRENTINO et al, 2005, p. 293).

Em 1997 como referência para elaboração de matrizes dos currículos escolares, o tema meio ambiente, passou a integrar as bases educacionais como projeto transversal, que “não desconsidera importância de nenhum conhecimento, mas rompe com a ideia de que os conhecimentos sejam disciplinares e que são válidos apenas os conhecimentos científicos”. (REIGOTA, 2009, p. 42).

Educação Ambiental, portanto, é o nome que historicamente se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental. Assim, “Educação Ambiental” designa uma qualidade especial que define uma classe de características que juntas, permitem o reconhecimento de sua identidade, diante de uma Educação que antes não era ambiental. (BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004, p. 9).

Mesmo sendo um tema transversal, os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam introduzir o tema Meio Ambiente em definitivo no ambiente escolar, sendo considerado importante processo de conscientização, além de possibilitar “uma fecunda discussão entre os educadores e as educadoras ambientais no Brasil”. (REIGOTA, 2009, p. 43).

Essa consciência já chegou à escola e muitas iniciativas têm sido tomadas em torno dessa questão, por educadores de todo o país. Por essas razões, vê-se a importância de incluir Meio Ambiente nos currículos escolares como tema transversal, permeando toda prática educacional. É fundamental, na sua abordagem, considerar os aspectos físicos e biológicos e, principalmente, os modos de interação do ser humano com a natureza, por meio de suas relações sociais, do trabalho, da ciência, da arte e da tecnologia. (BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – MEIO AMBIENTE, 1997, p. 169).

Assim a Educação Ambiental tem sido transmitida por meio de outras matérias convencionais e assim inserida no currículo de crianças e adolescentes de forma desafiadora, já que não basta o grande conteúdo das disciplinas obrigatórias, nem sempre os professores têm base sólida para repassar um conhecimento de tamanha importância como à questão ambiental. Apesar de leis como citadas acima, que colocam isso como direito a educadores. Consideram-

se como fatores de entraves nesta estrutura proposta de transversalidade e incorporação do meio ambiente, conforme Carvalho (2010, p. 3), já citando várias demandas de divisão de disciplinas, além de aspectos ligados a própria educação, têm-se também elementos que são pertinentes a própria educação ambiental, que acaba a fazendo não efetiva em tal meio. OLIVEIRA (2000), apresenta mais três processos que precisam de atenção.

1. A busca de alternativas metodológicas que façam convergir o enfoque disciplinar para indisciplinar;
2. A barreira rígida da estrutura curricular em termos de grade horária, conteúdos mínimos, avaliação, etc;
3. A sensibilização do corpo docente para a mudança de uma prática estabelecida, frente às dificuldades de novos desafios e reformulações que exigem trabalho e criatividade. (OLIVEIRA, 2000 apud EFFTING, 2007, p. 28).

Percebe-se que mesmo estando inserida no núcleo educacional, a Educação Ambiental ainda é desvalorizada neste ambiente, por motivos vistos acima e por outras questões que vão além, como a aplicabilidade da transversalidade proposta pelo Plano Nacional Curricular em termos práticos e o fato da proposta ser bastante conservacionista, remetendo o ambiente como natureza intocada, como se o homem não estivesse inserido neste contexto e como se não houvesse distintas sociedades que tratam o ambiente de formas diferentes. Além disso, pesam-se outros problemas que já são estruturais na educação brasileira.

Pela história é possível se atentar ao fato da EA no Brasil ter sido ampliada em nível escolar, sem, entretanto, ter bases físicas e sólidas de concepção, sendo muitas vezes apenas midiática, para mostrar aos outros países que o Brasil estava com a discussão ambiental em evidência, mas construída por parâmetros confusos e que nem sempre são absorvidos pela classe escolar e, portanto, pela educação em si.

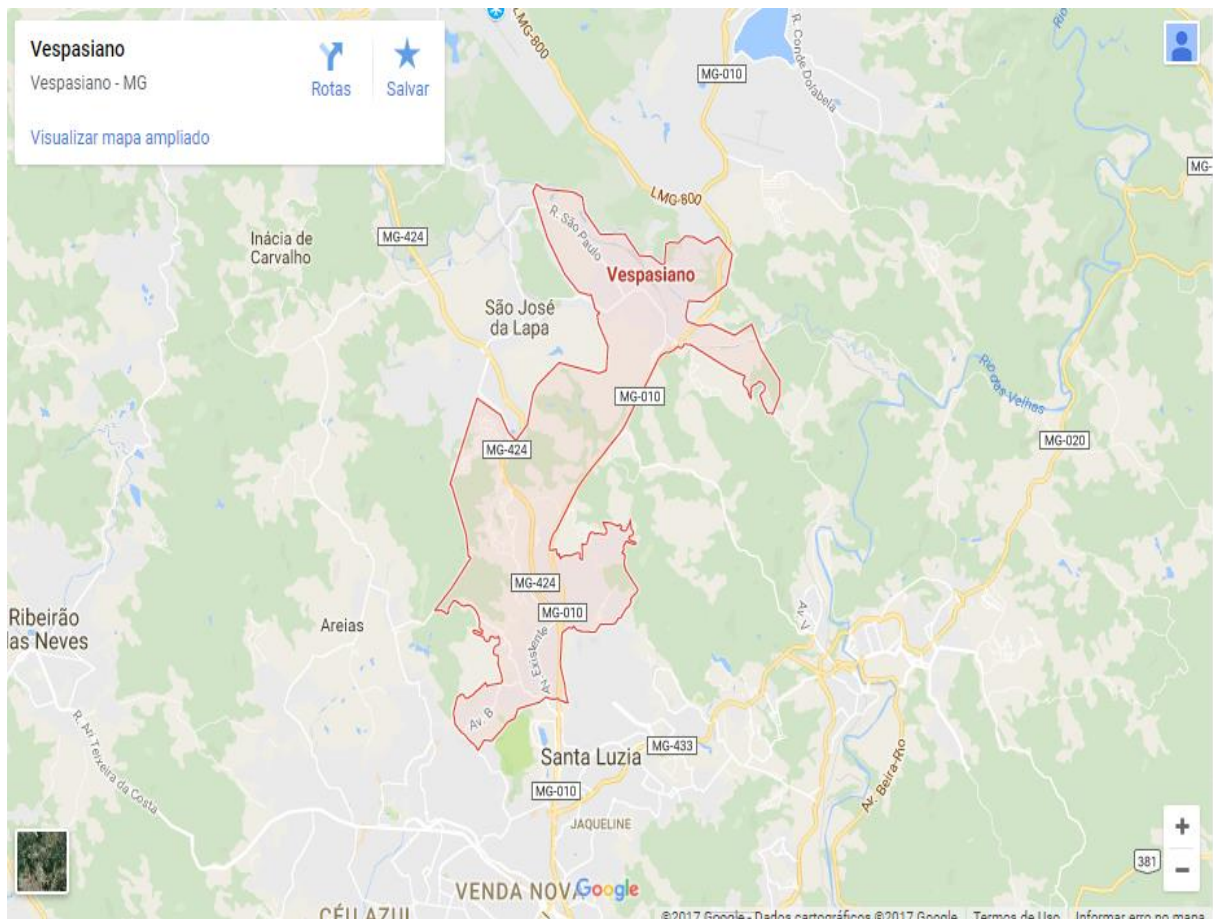
Entretanto há que se assumir sua fragilidade, pois a EA continua sendo um assunto marginalizado e isolado no interior dos sistemas educativos. A maioria das reformas propõem a introdução de temáticas de relevância social no currículo escolar. Entre estas temáticas a EA tem sido formalmente legitimada, assim como a Educação para a Saúde, para a Paz, para a Solidariedade humana, entre outras. Acreditamos que a falta de políticas públicas de capacitação docente não tem levado a uma ampla legitimidade política e à construção de sólidas bases epistemológicas sobre a EA por parte dos educadores. A ação ambiental empreendida por educadores ambientais tem sido de natureza instrumental e raramente reflexiva. (ZAKRZEWSKI, 2003, p. 42).

Para compreensão de parte deste universo, procurou-se conhecer as práticas de EA na educação do município de Vespasiano, buscando as particularidades deste tema tão importante e ao mesmo tempo tão negligenciado. Começando para isto, faz-se necessário uma apresentação do município em questão e suas características.

4 CONHECENDO O MUNICÍPIO DE VESPASIANO

O município de Vespasiano está inserido na Região Metropolitana de Belo Horizonte e tem sua história ligada diretamente à capital mineira. Segundo site da prefeitura do município por volta de 1745 surgiu os primeiros mineradores em busca de riquezas. Outra história para a criação da cidade, se refere a figura de uma moradora que incentivou a habitação do local, cedendo terras e abastecimento ao povoado, o que teria levado ao surgimento do Arraial do Capão. Mais tarde, desenvolveu-se a indústria de cal e em 1894 a Estrada de Ferro Central do Brasil, que tinha como administrador o Coronel Vespasiano Gonçalves de Albuquerque e Silva, que por ser considerado importante agente de atração socioeconômica, cedeu seu nome ao município, que foi emancipado em 1948.

Figura 1 – Mapa do município de Vespasiano



Fonte: <http://www.vespasiano.mg.gov.br/perfil/localizacao/>

Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população estimada para o ano de 2016 era de mais de 120 mil habitantes. O município ainda abriga grandes

indústrias em seu parque industrial ou espalhadas pela área central da cidade, algumas com mais de 40 anos de atuação. Entre elas a Cimentos Liz (conhecida e fundada como Soeicom/SA), que trabalha com a produção de cimento e a Belgo Mineira Bekaert, surgida de uma associação “*joint venture*”⁵ entre a ArcelorMittal e a Bekaert, a Belgo atua no mercado com a produção de arames, ambas citadas neste trabalho por entrevistados.

Figura 2 – Mapa de localização da Empresa Cimentos Liz.



Fonte: Google mapas.

Figura 3 – Mapa de localização do Parque Industrial de Vespasiano: Onde se encontra a Belgo Mineira Bekaert, entre outras indústrias que atuam no município.



Fonte: Google mapas.

⁵ Termo em inglês que define uma associação de empresas onde se exploram determinado negócio, sem perda da personalidade jurídica de cada uma.

4.1 O ensino do município

Em relação ao ensino de Vespasiano, é possível encontrar dados referentes a Prova Brasil no ano de 2015, mesma avaliação diagnóstica que serviu de referência para a seleção das escolas públicas neste trabalho. Estes dados foram agrupados de várias formas na plataforma do IDEB, para possibilitar visualização de como tem sido o ensino no município, bem como comparações com outras cidades.

Em comparação a 4 municípios próximos geograficamente é possível perceber que Vespasiano fica na 3ª posição em relação a prova de português, obtendo notas piores que os municípios de Lagoa Santa e São José da Lapa, segundo o IDEB.

Tabela 1- Prova Brasil 2015, disciplina português – Vespasiano e municípios limítrofes



Fonte: <http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/compare>

A situação também se repete nas provas de matemática, com relação a posição de 3º lugar do município de Vespasiano, em comparação aos demais. É possível evidenciar ainda o fato da diferença em amplitude para os municípios com pior desempenho diminuir com relação a prova de português, sendo que nesta última foi de 8%, enquanto a de matemática foi de apenas 3%.

Tabela 2 - Prova Brasil 2015, disciplina matemática – Vespasiano e municípios limítrofes



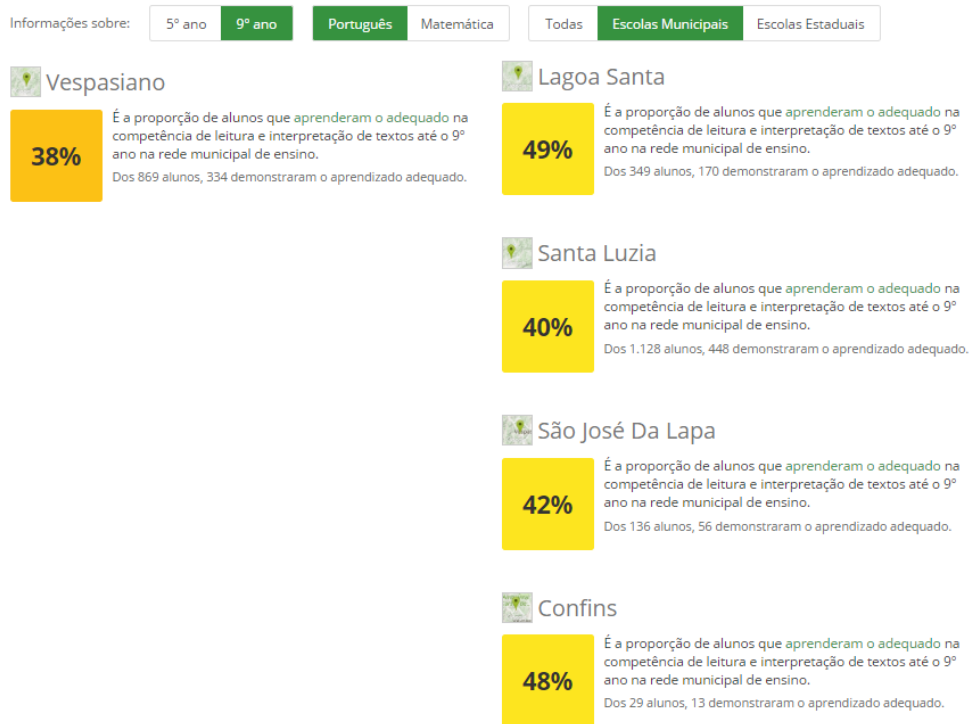
Fonte: <http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/compare>

A diretora da escola estadual, ao ser questionada sobre como percebe a situação da educação do município, transparece em sua entrevista uma convergência com o que demonstram as tabelas, um nível baixo da educação de Vespasiano.

Do município? Eu não tenho como julgar o município, porque eu não conheço as outras escolas, né? É... eu não sei assim, as outras escolas, porque eu tenho dedicação exclusiva aqui, então não saio daqui pra nada, então. Mas os alunos que vem de outras escolas, vem fracos. (DIRETORA DA ESCOLA ESTADUAL).

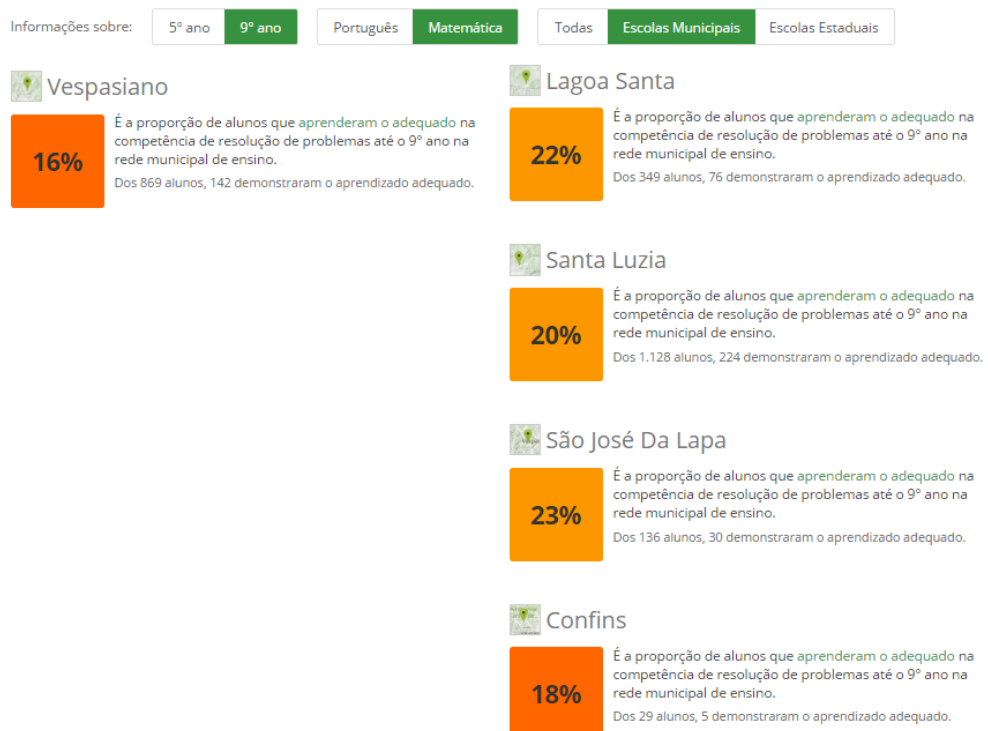
Realizando um comparativo entre as escolas da esfera municipal de Vespasiano e cidade próximas geograficamente, é constatado uma piora, nas provas das duas disciplinas, português e matemática. O que evidencia ainda mais a fala da diretora acima, pois o município acaba ficando em último lugar em rendimento nesta esfera, com amplitude de 11% na prova de português e 7% na prova de matemática em comparação as primeiras colocadas, Lagoa Santa e São José da Lapa, respectivamente.

Tabela 3 - Prova Brasil 2015, resultados das escolas municipais na disciplina de português – Vespasiano e municípios limítrofes



Fonte: <http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/compare>

Tabela 4 - Prova Brasil 2015, resultados das escolas municipais na disciplina de matemática – Vespasiano e municípios limítrofes



Fonte: <http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/compare>

Ainda no site do IDEB é possível obter dados também sobre a situação das escolas do município de Vespasiano, no fundamental II, dados estes, referentes a atuação dos indicadores de aprendizado, relativo a Prova Brasil e fluxo de aprovação das escolas públicas, municipal e estadual, no ano de 2015.

Tabela 5 - Resultados e situações das escolas do município de Vespasiano no ano de 2015.

Resultados e situação das escolas	Fluxo e taxas de aprovação por série				Aprendizado e notas da Prova Brasil			Situação da escola
	Aprendizado x Fluxo = Ideb				Atingiu a meta	Cresceu o Ideb	Alcançou 6.00	
ESCOLAS DE A A Z								
COLEGIO TIRADENTES PMMG	6,46	x	0,93	= 6,0	✓	✓	✓	Manter
E M BARBARA MARIA SALOMAO	5,16	x	0,84	= 4,3	✓	✗	✗	Atenção
E M JOSE SILVA	5,54	x	0,89	= 4,9	✓	✓	✗	Melhorar
E M JOSEFINA ALVES VIEIRA	4,74	x	0,82	= 3,9	✗	✓	✗	Atenção
E M MARIA APARECIDA BARROS SANTOS	5,45	x	0,96	= 5,2	✓	✓	✗	Melhorar
E M MARIA NATIVIDADE FONSECA	-	x	-	= -	✗	✗	✗	Sem dados
E M ORDELINA LOURDES COSTA	5,15	x	0,92	= 4,8	✗	✓	✗	Atenção
E M SENHOR DO BONFIM	5,54	x	0,92	= 5,1	✗	✓	✗	Atenção
EE DEPUTADO RENATO AZEREDO	4,11	x	0,89	= 3,7	✗	✗	✗	Alerta
EE FRANCISCO VIANA	4,52	x	0,86	= 3,9	✗	✗	✗	Alerta
EE JOSE GABRIEL DE OLIVEIRA	4,07	x	0,74	= 3,0	✗	✗	✗	Alerta
EE MACHADO DE ASSIS	5,46	x	0,89	= 4,8	✗	✗	✗	Alerta
EE MARIA DA PIEDADE FONSECA	-	x	-	= -	✗	✗	✗	Sem dados
EE NILA FARAJ	4,58	x	0,82	= 3,7	✗	✗	✗	Alerta
EE PADRE JOSE SENABRE	5,08	x	0,88	= 4,5	✗	✗	✗	Alerta
EE PROFESSOR GUILHERME HALLAIS FRANCA	5,35	x	0,75	= 4,0	✓	✗	✗	Atenção
EM PREFEITO MARCONI ISSA	5,64	x	0,94	= 5,3	✗	✗	✗	Sem dados
ESCOLA MUNICIPAL JOSE PAULO DE BARROS	4,71	x	0,82	= 3,9	✗	✗	✗	Alerta
ESCOLA MUNICIPAL MARIA DE PAULA SANTOS	5,52	x	0,93	= 5,2	✗	✗	✗	Sem dados

Fonte: <http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/ideb/ideb-por-escolas?dependence=5&grade=2&edition=2015>

Pelos dados apresentados na tabela é possível perceber que mais de 63% das escolas do município estão em estado de atenção e alerta por não atingirem as metas ou desempenhos limitados pelo IDEB, com relação a isso, foi perguntado para a atual Secretária Municipal de

Educação, que está no cargo há 4 meses, quais os desafios do cargo e como percebe a educação do município.

Um grande desafio, muitos avanços foram feitos, mas temos bem mais a fazer como por exemplo aumentar o IDEB da Rede Municipal [...] Estar atenta a todas as necessidades escolares, melhorar o nível da educação no município. (SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VESPASIANO).

Apesar de a Secretaria Municipal de Educação ser responsável por apenas escolas da esfera municipal, esta possui maior proximidade física com as escolas do município, permitindo um auxílio as pendências, além disso, pela resposta da secretária de educação é possível ver uma constante preocupação com o desempenho apresentado pelo município em nível de aprendizado, principalmente se tratando dos resultados das escolas municipais que estão sob sua competência.

Das escolas trabalhadas nesta pesquisa, é possível perceber que a que compõe o âmbito estadual foi a única a atingir nota 6,0, visto pelo IDEB como resultado satisfatório. A escola municipal não obteve dados suficientes, apesar de ter realizado a Prova Brasil no ano de 2015, obtendo resultado 5,3, provavelmente por não ser possível mensurar sua progressão, por ter sido fundada em setembro de 2013.

A direção da escola municipal percebe a situação do ensino como uma decadência em totalidade, fazendo uma comparação não com as esferas escolares, mas como um tempo de dificuldades no aprendizado como um todo.

Assim como um todo? Ah, eu tenho que pensar. A educação como um todo... A gente vê assim, eu vejo assim que tá muito decadente a educação, não só em Vespasiano, não...como um todo, porque assim como eu te falei, eu formei há muitos anos atrás, eu comecei atuar em 83, em 83 eu já era professora então eu já venho, a gente consegue observar uma decadência muito grande do ensino. (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Para conhecer melhor sobre as escolas trabalhadas, suas características e trabalhos, foi desenvolvido um estudo do Projeto Político Pedagógico de cada uma delas.

5 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O PPP estabelece a proposta educacional da escola e é instituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica; Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino. (BRASIL - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB), LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996).

Este documento é norteador das ações que a escola pretende realizar e é construído de forma coletiva. Ao buscar conhecer o PPP de cada escola, entende-se que como documento oficial que consta suas propostas pedagógicas, este exprima as intenções a que cada unidade de ensino busca suprir.

Em cada documento buscou-se missões que equiparassem a disseminação de uma abordagem vista ao entender deste trabalho, uma educação ambiental crítica ou elementos que norteassem este aspecto, além da compreensão dos objetivos de cada escola, foi possível compreender também as nuances dos trabalhos construídos em cada local. Além disso foi também percebido em algumas escolas os trabalhos já desenvolvidos nas mesmas, que consideram EA.

5.1 Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual – Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais

O Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais (CTPM) foi instalado no município de Vespasiano em 22/02/2005 em níveis fundamental e médio. Atende dependentes legais de policiais militares e bombeiros militares e possui no ano de 2017, 459 alunos, sendo 157 o total de alunos do 6º ao 9º ano divididos em: 6º ano= 31 alunos; 7º ano= 36; 8º ano= 31 e 9º ano= 59 alunos divididos em 2 salas. Sua filosofia institucional, segundo Sistema de Educação Escolar da PMMG – Lei 6260/73, é de construir um mundo melhor a partir do desenvolvimento da cidadania, através de uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação a vida pessoal e coletiva.

O Colégio visa contribuir para a formação do cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres, incentivando uma cultura “ecológica” no sentido da valorização e preservação do meio ambiente (ar, água, solo, animais e vegetais).

Os horários de aula são distribuídos em 6 aulas por dia no ensino fundamental II, cada uma delas ocorrendo por 45 minutos. As matrizes curriculares disciplinares do 6º ao 9º ano não contém muitos focos em educação ambiental, somente alguns projetos que carregavam um cunho em tais práticas. Dentre os projetos que são disponíveis no PPP, foram disponibilizados os anos de 2015 e 2016, sendo os mais importantes:

- “A crise hídrica sob o olhar interdisciplinar” – Projeto que tinha interação de várias disciplinas e buscava a sensibilização dos alunos para a crise hídrica, abordando soluções e culminando em uma visita ao reservatório da COPASA no município.
- “Projeto “aluno Pingo”” – Projeto que buscava formulação de ideias para a resolução de um problema na sociedade e na escola sobre o uso racional da água, com elaboração de folders a ser distribuídos na comunidade escolar, além de debates, filmes e relatórios.
- “Formando cidadãos éticos” – com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento ético e cidadão dos alunos, o projeto buscava a reflexão quanto a valorização da vida, respeito ao próximo e às diferenças. O projeto que tinha como público alunos do 8º ano, contou com professores de 4 disciplinas diferentes e realizou uma visita em um núcleo assistencial em Belo Horizonte.
- “Horta viva” – Desenvolvido por 4 disciplinas diferentes, o intuito do projeto foi cultivar a ética do cuidado e da responsabilidade ecológica, promovendo a organização e o trabalho em equipe, possibilitando o diálogo entre os saberes populares e os conteúdos acadêmicos.

5.2 Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal – Escola Municipal Prefeito Marconi Issa

A Escola Municipal Prefeito Marconi Issa está situada em uma área de sítios e áreas de lazer, possuindo alunos de uma comunidade diversificada, incluindo 4 bairros do município. Foi fundada em setembro de 2013 e passou a atuar com 6º ao 9º ano em 2014, este ano conta com 208 alunos no ensino fundamental II, alocados em 2 turmas do 6º ano, com 21 e 20 alunos; 2 turmas do 7º ano, com 28 alunos cada; 2 turmas do 8º ano, com 32 e 28 alunos e 2 turmas do 9º ano, com 29 e 22 alunos. As aulas são divididas em 4 horários por dia, sendo estes de 1 hora cada. Sua visão é formar cidadãos autênticos que respeitem ao próximo e ao planeta, o próprio emblema da escola traz a mensagem: “Educar para manter a vida”.

A diretora na primeira visita relatou que perdeu vários projetos da escola, mas que acredita que os projetos devem partir de necessidades, sendo a escola compromissada com atividades que remetem ao meio ambiente.

Logo da segunda visita, a mesma diretora apresentou a cópia de um dos projetos que em todas as falas da mesma, havia sido enfatizado no primeiro contato. Este trabalho consistiu em uma disciplina denominada “projetos”, que sob ordem da Secretaria de Educação do município seria de autonomia da escola a escolha do tema a ser aplicado na mesma, sendo então desenvolvido pela escola um trabalho sobre meio ambiente e sustentabilidade. Esta disciplina que era ministrada uma vez por semana contou com várias etapas como coleta seletiva, conhecimentos sobre técnicas de reaproveitamento, alimentação orgânica, atividades e palestras como moradores da região e uma gincana que culminou com a participação de todas as disciplinas sobre os trabalhos desenvolvidos que abrangiam os temas citados, entretanto não houve conclusão do projeto, pois a professora saiu da escola, não tendo sequência dos trabalhos por outros professores. Os demais projetos não foram apresentados, se não em falas.

5.3 Projeto Político Pedagógico da Escola Particular – Casa de Brinquedo / Colégio Elo

A Casa de Brinquedo / Colégio Elo surgiu em 1986 como Escola Infantil Casa de Brinquedo e trabalhava com alunos de 1ª a 4ª série. Somente em 2003 o colégio passou a atender alunos de 5ª a 8ª série (com a mudança da lei hoje 6º ao 9º ano⁶), a partir desta, houve também uma alteração na nomenclatura inserindo o nome Colégio Elo. A escola utiliza-se do Sistema Positivo de Ensino e seu objetivo é adequar sua prática educativa às necessidades, sociais, políticas, econômicas e culturais formando cidadãos críticos, autônomos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade do meio em que vivem.

Atualmente contam com 66 alunos cursando 6º ao 9º ano, sendo distribuídos em: 6º ano, 19 alunos; 7º ano, 17 alunos; 8º ano, 14 alunos e 9º ano, 16 alunos. Os horários são divididos em 5 aulas de 50 minutos por dia.

Ao ler as matrizes curriculares das disciplinas, foi possível notar que disciplinas como ciências e geografia trazem questões pertinentes ao meio ambiente natural e a compreensão de problemas ambientais decorrentes de várias perspectivas humanas. Ainda é possível ver que o

⁶ A partir de 2005 houve a implantação do ensino fundamental de 9 anos, assim os alunos passaram a ingressar aos seis anos na escola. Dessa forma, considera-se 1º ao 5º como fundamental I e 6º ao 9º como fundamental II. Para maiores informações, acessar: <http://portal.mec.gov.br/ensino-fundamental-de-nove-anos>.

colégio visa aplicar esses conhecimentos, para que os alunos entendam e compreendam o espaço geográfico e sua organização sob ótica socioambiental, reconhecendo que suas ações no cotidiano são responsáveis para a melhoria de um planeta mais sustentável, equilibrado e menos desigual.

Segundo a supervisora Daniela, da parte do Sistema Positivo não há nenhum projeto pertinente com temas ambientais, mas que a escola vê essa importância e procura produzir em momentos pontuais, projetos voltados ao meio ambiental. A mesma relatou que no ano passado a professora de inglês realizou um projeto de sustentabilidade com os alunos, mas que no ano de 2017, pela mudança da professora, o projeto não teve prosseguimento. Além disso, pontuou que não há projetos que envolvem todas as disciplinas, sendo na maioria das vezes os projetos ambientais ligados as disciplinas de ciências, português, geografia e artes. Assim, particularmente o tema meio ambiente e suas demandas são aplicados nos conteúdos específicos.

6 PERFIL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE VESPASIANO

Através das entrevistas foi possível montar um pequeno perfil dos professores das escolas envolvidas nesta pesquisa, perfil este relativo ao tempo em que estão atuando na escola e atuação em outras escolas como jornada dupla de trabalho.

Por este perfil é possível perceber algumas dificuldades que os professores sustentam para o equilíbrio no ensino.

6.1 Perfil dos professores do CTPM

6.1.1 Com relação ao tempo de atuação na escola:

Dos 9 professores entrevistados apenas 1 está na escola a menos de 1 ano, 5 estão atuando na escola entre o tempo de 1 ano a 1 ano e meio, 2 professores estão na escola a 2 anos e somente 1 está na escola a mais de 3 anos.

6.1.2 Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:

A grande maioria, sendo 6 professores, lecionam em outros ambientes, 4 em outras escolas estaduais, 1 em escola municipal e 1 em ensino superior. 3 professores disseram só lecionar no CTPM.

6.2 Perfil dos professores do Colégio Elo

6.2.1 Com relação ao tempo de atuação na escola:

Dos 9 professores entrevistados, apenas a professora de inglês está lecionando na escola a menos de 1 ano, entre os outros, 5 deles estão na escola a 10 anos ou mais, 1 está a 8 anos na escola e 2 estão a 3 anos na escola. Pode se perceber que existe um perfil de estabilidade dentro da escola particular.

6.2.2 Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:

Com relação a jornada dupla de trabalho, percebeu-se pelas entrevistas que apenas 2 professores não lecionam em outros locais, dos outros 7, 4 deles leciona em mais de 2 locais além da escola particular em questão, sendo outras escolas estaduais, municipais, particulares

ou como no exemplo da professora de artes que leciona no Palácio das Artes da cidade, 3 lecionam em mais 1 ambiente apenas, sendo escolas municipais, cursos técnicos ou cursinho de idiomas, caso da professora de inglês.

6.3 Perfil dos professores da Escola Municipal Prefeito Marconi Issa

6.3.1 Com relação ao tempo de atuação na escola:

Como a escola Marconi Issa começou suas atividades a pouco tempo, sendo então relativamente nova, o maior tempo que o professor disse lecionar em suas dependências é de 3 anos e meio, caso da professora de PEAS (Programa de Educação Afetivo-Sexual). Dos demais professores, 1 deles está a menos de 1 ano, 1 está a 1 ano e meio e 4 deles a mais de 2 anos. Houve também um caso em particular do professor de ciências que trabalha desde o começo do ano na escola em outro cargo, mas que está temporariamente substituindo a professora de ciências que estava de licença na oportunidade desta pesquisa.

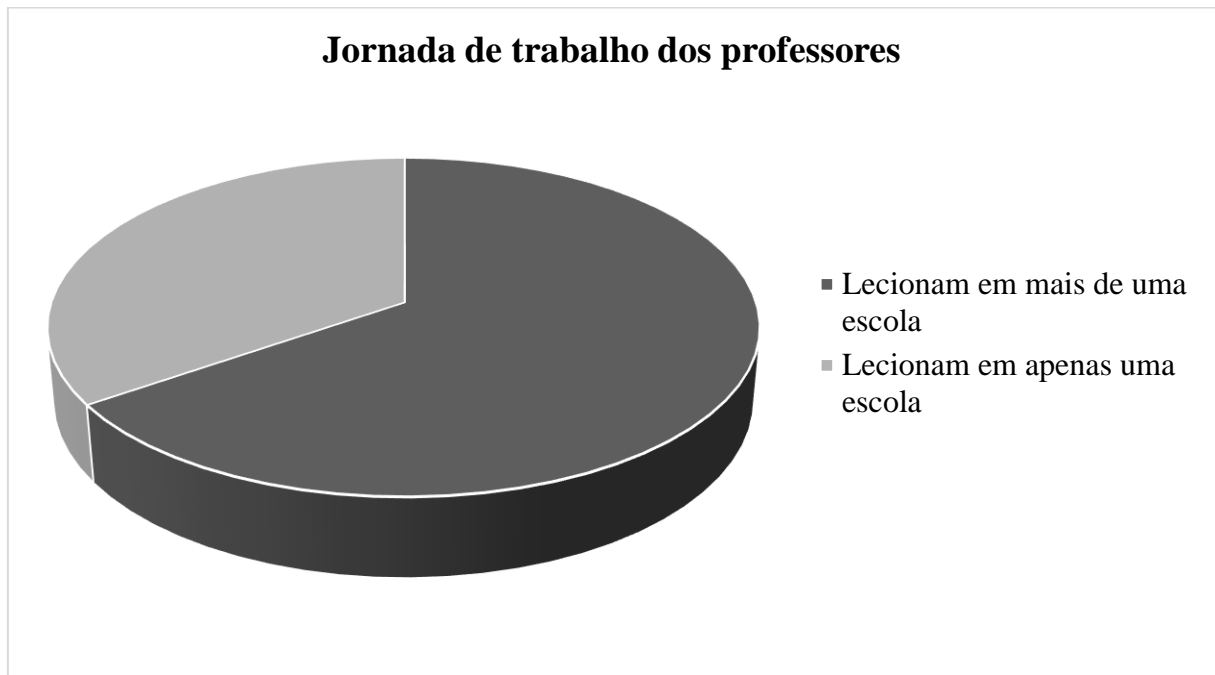
6.3.2 Com relação a trabalhar em jornada dupla, lecionando em outros locais:

Dos professores entrevistados, 4 disseram não lecionar em outras escolas, 4 disseram lecionar em outras escolas, sendo 2 em escolas estaduais e 2 em municipais. Cabe ressaltar que os 2 professores que disseram lecionar em outra escola municipal, estão atuando na Escola Municipal Senhor do Bonfim, 2ª colocada em desempenho pelas médias na Prova Brasil 2015.

6.4 Perfil geral dos professores

Constatou-se que a grande maioria dos professores lecionam em suas respectivas escolas a mais de 1 ano, portanto já conhecem o sistema local, o que possibilita um maior acesso as informações e planejamento das atividades, no entanto esse tempo de planejamento pode ser afetado já que a maior parte possui outros locais de trabalho. Como pode ser melhor visualizado no gráfico abaixo, onde 17 professores disseram lecionar em duas escolas ou mais e 9 lecionavam no momento da pesquisa apenas em uma das escolas que dão corpo a esta pesquisa

Gráfico 1 – Jornada de trabalho dos professores



Ao dar aulas em mais de uma dependência, o professor perde tempo em deslocamento para os outros locais e além do mais precisam lidar com outros estudantes, sejam estes, que estão em outras séries ou até próprias diferenças das instituições.

A maior parte dos professores que atuam no Colégio Tiradentes e também em outras escolas estaduais notam a mudança do próprio estilo militar do primeiro e do não militar das demais escolas, sendo, portanto, a forma de intervenção diferenciada. Ainda sobre este Colégio, um dos professores citou a forma disciplinar do mesmo, como o quanto perde tempo em outros locais de trabalho por motivos disciplinares dos alunos, o que não ocorre no colégio em questão.

Sim, numa outra escola do estado também. Só que lá não é militar, entendeu? O regime é diferente. (PROFESSOR DE HISTÓRIA DO COLÉGIO TIRADENTES).

Foi possível perceber a diferença na comparação com a escola municipal, pois na maior parte das visitas a mesma, foi visualizado alunos fora da sala, por questões disciplinares, pais sendo chamados a escola pelo mesmo motivo. A diretora relata as suas observações sobre a questão do ensino:

[...] E hoje eu vejo também uma dificuldade muito grande de lidar com o ser humano, que eu acredito que isso seja um agravante, seja um agravante aí na educação, a violência muito grande nas escolas, as drogas muito, tá muito essa droga nas escolas, então eu acho que isso tá dificultando muito até de levar o conteúdo ao aluno, de levar aprendizagem ao aluno, que as vezes tem professor, não é uma realidade muito da minha escola, você observa aqui que não é uma escola muito violenta, não é uma escola muito indisciplinada, tem indisciplina, tem alguns casos bem isolados, mas tem escola aí, que realmente é difícil de trabalhar, porque a violência tá muito grande, as

famílias como se diz, né, qual família a gente tá falando hoje [...] (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Questões de comportamento e outras faltas de estrutura podem e tendem a limitar a atuação dos professores, pois os mesmos se sentem desmotivados, sendo mais um entrave para a educação como um todo e em suma, para a ocorrência da EA.

Com relação as disciplinas lecionadas, dos 26 professores entrevistados nesta pesquisa: 4 lecionam Inglês, 3 lecionam História, 4 lecionam Geografia, 3 lecionam Ciências, 3 lecionam Educação Física, 3 lecionam Matemática, 3 lecionam Português, 1 leciona PEAS, 1 leciona Artes. A mesma professora que leciona português na escola particular também leciona espanhol na mesma escola. A disciplina de PEAS só foi vista na escola municipal, como a de Laboratório de Ciências, que só foi encontrada na escola estadual. Foram entrevistados 2 professores de inglês na escola estadual e 2 de geografia na escola particular (os mesmos ao terem parte de suas entrevistas citadas serão denominados de professores 1 e 2 de acordo com a ordem da entrevista).

Além da diferença do acréscimo de algumas disciplinas em algumas escolas, também por este e demais fatos, como já visto na metodologia, a forma de organização dos horários, elencaram na variação de número de aulas de cada uma das disciplinas. Essa variação do número de aulas também foi associada muitas vezes ao fato do professor incluir ou não temáticas ambientais, pois principalmente aqueles que só tinham 1 ou 2 aulas por semana, se sentiam limitados ao espaço de atuarem com a EA.

[...] Aqui eu atuo, só venho duas vezes na semana, então não tenho uma certa, uma certa efetividade de todos os dias ou 3 a 4 vezes por semana. Só duas vezes por semana, então fica até meio difícil. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA 1 DA ESCOLA PARTICULAR).

[...] E o conteúdo de inglês são duas aulas por semana, então pra eu participar de projetos interdisciplinares, eu acho complicado por causa disso, porque são poucas aulas, a gente tem que seguir um cronograma, né? [...] (PROFESSOR DE INGLÊS 1 DA ESCOLA ESTADUAL).

Eu tenho só 1 aula por semana. E como isto já está dentro do planejamento, já é contemplado ou deveria ser contemplado dentro de geografia e ciências eu não tenho, eu não posso tirar uma aula minha pra trabalhar isto, porque o meu tempo ele já é bem apertadinho, entendeu? (PROFESSORA DE PEAS DA ESCOLA MUNICIPAL).

Os vários conteúdos que precisam ser ministrados e o pouco tempo para isto, muitas vezes impede ou é uma desculpa para alguns professores não abordarem a EA, outras discussões que possibilitaram o diagnóstico das práticas no município, seguem no próximo capítulo.

7 DISCUSSÕES E RESULTADOS

O cuidado com o meio ambiente hoje em dia é explorado de várias formas pela sociedade. Aspectos ambientais adentraram política públicas, pautas sociais e se viu a necessidade da compreensão de sua importância também no âmbito educacional, pois como esfera de formação de agentes que serão cidadãos no futuro, crianças e jovens precisam compreender a importância das questões ambientais e não somente isto, interagir com o meio percebendo-se como parte dele.

Nesse contexto fica evidente a importância de educar os brasileiros para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional; e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente. (BRASIL -PARÂMETROS CURRÍCULARES, 1997, p. 181).

A EA emerge no contexto de conferências e acaba se formando e se limitando a visões diferenciadas, de acordo com interesses e acordos. Mas para que sua efetividade seja concretizada, é e será necessário que se compreenda suas funções e objetivos, além de que se aponte suas falhas e o porquê mesmo sendo há pelo menos 15 anos introduzida, ou dita introduzida nas escolas, ainda se vê a relação pouco prática entre discursos e aplicabilidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, surgido no final da década de 90 adotou e trouxe com ênfase o tema meio ambiente para a escala educacional. Se antes apesar das leis a EA era pouco visualizada no ambiente da educação formal, hoje é quase rotineiro e comum falar sobre os temas ambientais. Porém este discurso tão carregado de boas intenções muitas vezes é vitimado por diversos entraves, que não só impedem uma EA de qualidade, mas mais que isto, a limita a abordagens que muitas vezes à encaixota em temas pouco atraentes, conservadores e que são entendidos como mais uma teoria que na hora de ser praticada, não se fundamenta.

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação. Gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participação em pequenas negociações são exemplos de aprendizagem que podem ocorrer na escola. (BRASIL - PARÂMETROS CURRÍCULARES, 1997, p. 187).

Essa contribuição para Freire (2005) permite que a educação evidencie sua prática de formação e não apenas de ser um local aquém do mundo ao redor.

A introdução da EA ao currículo escolar torna-se uma oportunidade ímpar para que a educação possa recuperar seu papel social de formar cidadãos, ao aproximar a escola dos desafios trazidos pela problemática ambiental e, assim, situar educandos e

educadores enquanto sujeitos históricos. (FREIRE, 2005 apud MACHADO, 2007, p. 23).

Para diagnosticar os elementos e oportunidades da EA no ensino formal, por meio das entrevistas procurou-se buscar as limitações e necessidades da temática em cada local de ensino.

O início de cada entrevista, depois de saber dados dos professores, foi com a pergunta: “Você considera que existe EA na escola onde atua?”, essa pergunta foi proposta para conhecer mais as particularidades da escola e também representa como cada professor via o existir EA.

No Colégio Elo, 5 dos 9 professores entrevistados disseram sim a pergunta acima. Para 2 deles existiam ações no colégio de consciência com relação ao uso da água, por parte dos funcionários e alunos. Para 3, destes 5 professores, as ações eram realizadas pela professora de ciências.

Principalmente da professora de ciências, considero sim. (PROFESSORA DE PORTUGUÊS ESCOLA PARTICULAR)

A fala também foi evidenciada na entrevista da diretora, que citou também uma prática de EA por parte dos professores de ciências e a inserção em outras disciplinas quando possível, quando da existência de associações nos conteúdos.

Sim, com certeza. Principalmente a professora de ciências, ela trabalha muito com essa conscientização com os alunos, faz trabalhos de reciclagem, reaproveitamento, sustentabilidade e os outros professores também na medida do possível, estando dentro do conteúdo deles, eles trabalham também com isso. (DIRETORA DA ESCOLA PARTICULAR).

Três professores veem alguns trabalhos sendo realizados na escola, cada um deles citou alguma situação. A professora de artes diz que faz inserção de elementos ambientais em sua disciplina, como técnicas de reaproveitamento, as outras professoras citaram a reciclagem e projetos antigos da escola, como uma trilha realizada ao Museu de História Natural da UFMG.

Apenas 1 professora disse não considerar existir trabalhos de EA na escola, segundo ela por falta de incentivo de alunos e professores.

Aos professores que disseram considerar que existem EA na escola, foi questionado o fato de participarem ou não. Três deles disseram não participar e 4 disseram participar quando tem projetos da escola como um todo em relação as questões ambientais.

Todos foram perguntados de que forma poderiam inserir a EA nas suas disciplinas e as respostas a pergunta foram variadas, 5 deles disseram que poderiam (alguns como a professora de artes, já dizia o fazer) inserir em suas disciplinas, através de textos ou elementos ditos dos próprios conteúdos, 1 deles que poderia ser feito quando houvessem acontecimentos sobre a questão, 1 por meio de projetos interdisciplinares, 1 por meio de palestras e o último contando com a parceria da professora de ciências.

Sim, eu acho que poderia trabalhar em parceria com outra disciplina. A disciplina de ciências, por exemplo, biologia, dá pra trabalhar em parceria. (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA PARTICULAR).

As falas acabam se destoando na leitura do PPP, onde foi possível ver que alguns conteúdos de ciências e geografia propõem temas ambientais. Na realidade, na fala dos professores destas disciplinas eles acabaram não percebendo os conteúdos que trabalhavam como atuações com a EA, o que é elencado de forma diferente por alguns professores de outras disciplinas, que consideram que as disciplinas de geografia e ciência aplicam trabalhos voltados ao meio ambiente. Outro fato corriqueiro é a fala da professora de artes sobre a inserção de práticas nas suas aulas, o que demonstra que mesmo sem ter conteúdos planejados pelo currículo sobre meio ambiente, ainda assim o faz e o considera como EA.

No Colégio Tiradentes, pela estrutura da corporação militar e assistência da DEAS na política pedagógica, os professores responderam à pergunta da seguinte forma: 4 professores disseram ter sim EA na escola, sendo falas como muitos ou vários trabalhos; 3 que existem poucos ou alguns; uma professora que trabalha a menos de 1 ano na escola disse desconhecer qualquer trabalho pelo fato de estar a pouco tempo lecionando no ambiente e o último professor relatou que existem trabalhos pontuais.

Seis professores, ao serem questionados sobre que tipos de trabalhos que haveriam que consideravam EA, disseram que os trabalhos são realizados em/para horário cívico, que são momentos em datas comemorativas ou direcionados pela DEAS onde os trabalhos desenvolvidos são apresentados. Estes mesmos professores explicaram o fato de a escola ser para eles bastante conteudistas, não dando espaço para introduzir práticas de EA em suas disciplinas rotineiras em salas de aula, além destes momentos específicos. Apesar de alguns ainda assim relatarem o fazer aplicando abordagens vistas como EA dentro dos conteúdos programados.

Existe... existe... como eu posso te dizer... Existem ações em determinados períodos do ano que eu acredito que possam ser relacionados a EA, coisas do tipo, é... não é bem semana da árvore, mas quando tem alguma coisa relativo ao meio ambiente aí a gente tem uma lista de hora, a gente chama aqui de horário cívico, tá? Então esse horário cívico a gente tem que planejar uma atividade, pros alunos com o tema relacionado. Ou seja, eu sou de história, então por exemplo, 21 de Abril, então eu trabalhei a Inconfidência, é... a Inconfidência Mineira, então vão ter semanas por exemplo do meio ambiente, que o professor de ciências vai ter que trabalhar com crianças durante o período, um tema relacionado ao meio ambiente e eles tem que apresentar pro resto da escola. (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL).

Dos demais professores, 1 deles citou uma horta que foi desenvolvida por um professor específico, que por estar de licença, não teve continuidade. A professora de ciências disse

desenvolver em suas aulas debates em relação ao tema e ainda a professora que expressou desconhecer tais práticas, não quis opinar.

Esses trabalhos a gente têm mais abertura pra fazer nos dias cívicos que tem aqui, que geralmente tem alguma apresentação, então, esse ano teve o dia da água, os alunos fizeram, tanto do fundamental tanto do médio, mas aí é de responsabilidade da professora regente, eu trabalho com os meninos só mesmo na parte de laboratório. E ano passado teve aquele projeto que eles fizeram ali, da horta, não sei se você está vendo, aqueles caninhos ali são canteiros (professora aponta mostrando a horta em canos) e aí tinha umas mudinhas, só que quem tava fazendo esse projeto era o professor de artes e aí ele teve um acidente no início deste ano e aí parece que o projeto deu uma parada. Aqui os professores das turmas mesmo, a gente não tem muito tempo na verdade pra fazer, porque a gente recebe um cronograma pronto que vem da DEAS, então a gente tem que cumprir aquele cronograma e dentro desse cronograma acaba não sobrando aulas pra poder fazer projetos. (PROFESSORA DE LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA ESCOLA ESTADUAL).

Como pode-se perceber também pela fala acima, ao perguntar sobre como a disciplina lecionada por cada professor participa destes momentos, 3 dos professores disseram que não possuem tempo, devido a poucas aulas semanais ou ainda como uma das professoras, pelo fato da escola priorizar os conteúdos e não dar espaço aos trabalhos interdisciplinares, entretanto estes mesmos professores disseram que se não houvessem essa dificuldade poderiam inserir práticas de EA nos seus conteúdos de forma efetiva, através de textos, gráficos e dados. Os demais professores disseram da possibilidade de fazer o mesmo, através de questões ambientais em evidência, teatros ou situações do cotidiano, exceto as professoras de geografia e ciências que evidenciaram seus trabalhos, a primeira com incentivos aos alunos e a realização de um protótipo de aquecedor solar e captação da água da chuva e a segunda com os debates que já diz realizar em sala.

Importante perceber que além dos momentos cívicos citados pelos professores, o PPP da escola elenca outros projetos desenvolvidos e que não foram citados, senão a horta, que se refere a atuação de 4 professores, mas que pela fala dos professores era de responsabilidade de apenas 1. Outro fato é que mesmo sem haver temáticas ambientais nos currículos apresentados, alguns professores procuram fazer inserção em suas disciplinas.

É importante perceber que a diretora não reconhece os trabalhos em momentos cívicos como abordagens em EA, ou pelo menos não os mencionou, citando um programa de EA indicado pelo DEAS, mas que neste caso não foi citado em nenhum momento por professores. Ela citou um destes trabalhos referentes ao fundamental I e quando questionada sobre o 6º ao 9º ano, apenas relatou que no fundamental II existe esta visão em maior parte pelos professores de áreas biológicas.

Não, mas por exemplo, aqui nós temos, assim, professor em sala de aula ele trabalha muito com a EA. Muito de geografia, 6º ao 9º, muito biologia, ciências. (DIRETORA DA ESCOLA ESTADUAL).

Já na Escola Municipal Prefeito Marconi Issa, 5 dos 8 professores responderam à questão da existência de práticas que consideram EA dentro da escola como sim, 3 destes professores lembraram trabalhos antigos, como feira de ciências ou um projeto desenvolvido pelas professoras de ciências, matemática e geografia com reutilização de pneus para cercamento de mudas e uma gincana sobre sustentabilidade que envolvia todos os professores. Uma professora diz que o tema é abordado nas disciplinas de geografia, história e ciências e o último professor que considera essa existência colocou que a escola como um todo tem esse cuidado com o que ele chamou de “relações sustentáveis”, por estar localizada em uma área de sítios.

Três professores disseram não existir, 1 porque não vê um projeto específico sobre conscientização, mas que considera o fazê-lo em sua disciplina, apesar de não ver essa prática em outras matérias. A segunda não considera pelo fato do afastamento da professora de ciências, mencionando só já ter ouvido falar sobre um trabalho de jardinagem desenvolvido no ano anterior e a última professora não considera pela cobrança e o fato de não ver as questões ambientais dispostas no planejamento para cada disciplina.

Porque eu acho o seguinte, é... que cada professor tá muito voltado pro, até mesmo devido a cobrança que a gente tem, tá muito... Eu que assim, o professor fica tão focado dentro do planejamento dele, em seguir, cumprir esse planejamento, até mesmo devido a cobrança que a gente tem que cumprir, que as vezes não acha um folguinha pra poder, é... trabalhar as questões ambientais, geralmente quem trabalha com as questões ambientais é geografia e ciências, quando isso tá dentro do planejamento deles, é isso que eu percebo na escola. Quando vai contemplar o planejamento, entendeu? Agora assim, a gente trabalha, igual eu trabalho em sala, quando eu encontro um espacinho, a questão do lixo, a questão da preservação da natureza em si, né. (PROFESSORA DE PEAS DA ESCOLA MUNICIPAL).

Ao responderem sobre o fato de como poderiam fazer essa abordagem da EA nos conteúdos, 5 disseram que poderiam inserir nos conteúdos, por meio de textos ou de ligações relativas as disciplinas. 1 respondeu que poderia inserir nos conteúdos com a ajuda do professor de ciências, em relatórios de campo, por exemplo. 1 motivando os alunos no desenvolvimento de projetos e o último com culminância com a feira de ciências, poderia encaixar o tema na disciplina.

Olha, Educação física, ela é muito forte pra incentivar e pra motivar os alunos a fazer qualquer coisa na escola, eu acho assim, que eu tenho esse poder sobre os alunos, sabe, o professor de Educação física tem esse poder, “Ah, vamos fazer isso na aula de Educação Física”, eles topam fazer quase tudo. Então assim, eu não saberia como fazer, eu acho que se colocasse um projeto, pra gente da área da Educação física motivar os alunos a fazer, eu acho que isso seria de sucesso. Falo assim, que isso viesse da Secretaria de Educação, “ah, o professor de Educação Física vai ser mais 1 item a ser abordado”. Dentre os temas que são propostos pra gente, mais 1 item,

EA, “cês vão trabalhar com o aluno sobre isso”. Porque pra gente assim é muito vago. Falar, ah, o que que a Educação física pode fazer? Eu acho que é porque esse EA, na secretaria nunca falaram sobre nada na educação física. Eu acho que é falado nas outras disciplinas, mas na Educação Física não, ainda não. (PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA MUNICIPAL)

A diretora da escola considera os trabalhos tímidos, mas diz que percebe que esta preocupação é vigente na escola onde coordena. Ao ser questionada sobre os trabalhos ela relata o foco das atuações pela professora de ciências e até uma padronização das temáticas ambientais estarem associadas a disciplina.

Ciências, geralmente são pelos professores de ciências. Apesar que esse projeto que te apresentei aqui, esse primeiro aqui, foi um que veio de exigência da secretaria, mas não era exigência que ele fosse voltado pro meio ambiente, nós que decidimos que a gente via como uma necessidade de trabalhar com o aluno o meio ambiente, né, mas não foi é... obrigatório não, mas a gente percebe que realmente o foco maior é o professor de ciências, porque parece que nós estamos tão enraigados com essa cultura de, quem trabalha produção de texto, quem trabalha leitura é quem? Professor de língua portuguesa. Quem trabalha questões de meio ambiente? Professor de ciências. Quem trabalha ética, moral, professor de que? Educação religiosa, filosofia e sociologia. Então ainda é essa cultura muito enraigada e assim muito padronizado, é o conhecimento né, de quem trabalha, é, ciências, quem trabalha com isso, eles não entenderam ainda os temas transversais, que isso é transversal. Tem tudo, são temas que não podem ficar só pro professor de ciências, de geografia também, ele entra um pouquinho também, o professor de geografia, mas geralmente mais é o de ciências mesmo. Até quando tem algum projeto, você vê que o projeto da ArcelorMittal, já vem direcionado para quem? Pro professor de ciências. (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Mais da metade dos professores disseram que consideram que existam trabalhos de EA nas escolas onde atuam, seja pouco, o fato é que cada um tem uma percepção diferente de como são estes trabalhos ou como deveriam ser.

Em pelo menos 9 falas de professores e também pela fala das diretoras, foi possível detectar uma tendência em associar as práticas da EA a conteúdos e/ou responsabilidade dos professores das disciplinas de ciências e geografia, o que para Neves (2004, p. 32) vem de uma organização do conhecimento na nossa sociedade. Para a autora isto acontece por uma fragmentação histórica entre ciências humanas e ciências naturais e exatas, o que faz com que a EA perca o sentido, pois a busca em encontrar soluções para os problemas ambientais se reflete no diálogo com todas as matérias (REIGOTA, 2009, p. 46), além de os professores das áreas naturais terem a tendência de explicar determinado tópico do conteúdo sem relacioná-lo a elementos sociais, culturais, políticos e econômicos, impossibilitando um aprendizado totalizante (CARVALHO, 1989 apud MACHADO, 2007 p. 126).

Para fugir de práticas como estas, os próprios parâmetros curriculares colocaram o tema como transversal, para que não sejam de responsabilidade apenas de um professor, mas como algo que permeia dos os conteúdos e ações na escola em torno do meio ambiente.

Os conceitos de transversalidade e interdisciplinaridade são vistos na EA como sinônimos e importantes para o debate da questão ambiental. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), apontam que “para que os alunos construam a visão da globalidade das questões ambientais é necessário que cada profissional de ensino, mesmo especialista em determinada área do conhecimento, seja um dos agentes da interdisciplinaridade que o tema exige”. Pelo fato de a EA não ser uma questão meramente da área biológica ou geografia, ela precisa ser articulada de forma a permear todas as disciplinas e ações na educação, assim seria o objetivo, contudo dentro do ambiente escolar, é normal ver conflitos de ideias, principalmente pelo fato da fragmentação do conhecimento ou pela forma como cada professor enxerga a interdisciplinaridade, bem como a forma em que pode atuar nesta conjuntura.

Essa falta de sintonia entre embates e desencontros de tantas percepções para os trabalhos de EA podem ser positivas pelo fato da EA não ser marcada por uma única abordagem que segundo Reigota (2009) é importante pela variedade, mas também pode transparecer nestes trabalhos para confusão também daqueles que a recebem, ou “práticas muito simples que refletem ingenuidade, oportunidade, confusão teórica e política” (REIGOTA, 2009, p. 29).

Para aqueles que disseram não haver várias foram as questões levantadas seja o pouco tempo, a quantidade de matérias a serem abordadas ou até mesmo, por falta de capacitação, os professores muitas vezes não sabem como introduzir aspectos ambientais em suas disciplinas. Então foi realizada a seguinte pergunta: “Você acha que existe capacitação pública e/ou privada para auxílio aos professores com a EA?”.

Em resposta à pergunta acima 46% dos professores de todas as escolas responderam que conhecem ou participaram de alguma capacitação de EA, na Escola Municipal Prefeito Marconi Issa 2 professores citaram cursos de empresas, como Cimentos Liz e ArcelorMittal, que segundo eles desenvolvem ou desenvolveram projetos na escola, o terceiro professor respondeu da existência de cursos a distância pela Fundação Getúlio Vargas⁷, mas que falta incentivo e tempo para fazê-los, além de ser um interesse do próprio professor ao procurar tais cursos.

Olha, ter tem. Eu acho que de certa forma, poderia ser mais acessível, né. Por exemplo aquele é... FGV, Fundação Getúlio Vargas, tem alguns cursos online no site deles que vão participar dessa abordagem, né, assim, que vão ter, inclusive eu fiz até um há alguns anos atrás. Mas, os cursos, assim, de 5 a 10 horas e aí com acesso à internet você tem muita coisa. Mas, a questão muitas vezes que eu vejo, tanto da educação como de qualquer outra coisa, é porque a gente não valoriza aquilo que o profissional, o que o profissional traz a mais, sabe? É meio que assim, a gente estabelece o mínimo e esse mínimo tá bom, sabe? E aí essa busca por fora ela acaba ficando muitas vezes por opção do profissional e aí se fosse uma bagagem, que de certa forma fosse assim, fosse acrescentada, mas quando eu falo acrescentada, eu tô

⁷ Instituição de Ensino Superior.

falando de valorizar essa bagagem, sabe [...]. (PROFESSOR DE CIÊNCIAS DA ESCOLA MUNICIPAL).

Na escola particular, dos três professores que responderam sim à questão, um deles disse achar que os cursos são fraquinhos, mas não citou nenhum, uma outra professora disse já ter participado de algum curso sobre reaproveitamento, mas não se lembra, a professora de ciências citou um curso da escola sobre recicláveis e o último professor sabe de cursos de empresas, mas não o faz por falta de tempo.

Olha, eu, eu tenho visto algumas empresas sempre voltam nesta tecla, a EA, é... mas eu de fato não tenho participado mesmo, porque o meu tempo é muito exímio, muita correria, então as vezes é tanta coisa no deslocamento de um pro outro, aí assim, eu vejo alguns, alguns comentários, algumas propagandas, eles enfatizam essa questão da, da própria água né, que é um recurso fundamental a vida né, a todos seres vivos, né, desde os seres mais complexos, ao unicelular, não vive sem água, né [...]. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA 1 DA ESCOLA PARTICULAR).

No CTPM dois professores dos 5 que responderam sim, relataram sobre cursos na UFMG, um deles de aperfeiçoamento, a professora relatou ter feito em sua graduação e o outro foi pelo Projeto Manuelzão⁸, no curso de extensão. Um professor citou a possibilidade de ter, mas somente para professores de ciências, outro professor citou os projetos do DEAS, mas realçou o fato de serem fechados e já virem como propostas prontas. O último professor citou também empresas, mas vê estes cursos como interesses das mesmas, o que pode conter uma tendência ao marketing verde, onde as empresas precisam ter uma abordagem ambiental seja para satisfação à sociedade, seja para própria comercialização dos seus produtos, utilizando as questões ambientais para interesses pessoais, o que configura como um campo de conflitos, contradições e desafios (GUIMARÃES, 2003 apud MACHADO, 2007, p. 17).

É... os projetos que eu conheço de EA, é... eles são mais aqueles projetos que... não sei se a palavra certa seria, pra desencargo de consciência, mas como aqui é uma região cáustica, então a gente tem várias empresas voltadas para a mineração de... pra cal, cimento, eu não sei se você conhece a região. Então essas empresas, elas acabam atuando nas escolas, porque, é meio que uma obrigação, então elas têm alguns projetos, mas não são projetos que eu vejo que são levados a sério. Eu acho que são projetos que as empresas fazem, porque ela é meio que obrigada a dá uma contrapartida social pras cidades onde elas tão explorando. E as vezes nem o profissional que tá envolvido nisso num é o profissional, sabe, adequado. Às vezes é um cara formado em administração, um cara formado em técnico em alguma coisa, que vai falar do meio ambiente, não sei se é um cara mais adequado, é o mesmo que eu pedir um cara do turismo pra falar de história, ou um cara da história pra falar do turismo, a visão vai tá meio... sabe... e é um profissional da empresa, ele não vai falar realmente pras crianças, os riscos que aquela mineração vai causar na cidade deles. Então ele vai meio que mascarar o processo. Mas existe sim. (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL).

⁸ O Projeto Manuelzão foi criado em 1997 por iniciativa dos professores da Faculdade de Medicina da UFMG e tem como atuação a bacia hidrográfica do rio das Velhas. Para maiores informações, acessar: <http://www.manuelzao.ufmg.br/>.

Já 54% dos professores disseram que desconhecem e nunca participaram de nenhum tipo de capacitação para atuarem ou inserirem a EA nos conteúdos que trabalham. No CTPM um dos professores citou o fato do DEAS ser muito conteudista e não ter espaço para estas inferências. Na escola particular a professora de matemática falou sobre o fato de haver muita teoria na EA e pouca prática. Na escola municipal 2 professoras citaram que este ano haverá um curso do SEBRAE⁹ que imaginam conter alguma ênfase em EA, sobretudo porque disseram que este ano a Secretária Municipal de Educação trouxe para uma das reuniões na secretaria o interesse em haver um projeto interdisciplinar no município sobre o tema, uma outra professora da escola municipal acha que deveria ter um apoio e incentivo da Secretaria do meio ambiente neste aspecto.

Não, nunca vi não. Aliás a Secretaria de Meio Ambiente eu nem sei quem, eu acho que devia ir em escolas, incentivar algum tipo de projeto. (PROFESSORA DE PORTUGUÊS DA ESCOLA MUNICIPAL).

É importante salientar que as capacitações indicadas pelas empresas, normalmente são trabalhos com alunos, alguns projetos de poesia, entre outros, mas que como pode ser percebido na fala da diretora da escola municipal, não é bem uma capacitação, pois não é para todos os professores e não tem o objetivo de ajuda-los na abordagem de questões ambientais em suas disciplinas.

Assim, não seria até uma capacitação mesmo, mas assim, é o prêmio da Belgo Arcelor Mital, que é um... e da Soeicom, da Liz, que a gente vê que dão essa pequena contribuição já com a EA, mas ainda muito pouco também. (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL).

A maioria que diz não haverem capacitação, acaba caindo na deformidade da lei nº 9.795, de 1999 que dispõe sobre a Política Nacional de EA, que em seu art. 11, fala sobre o fato da dimensão ambiental contar nos currículos de formação de professores, em todos os níveis e disciplinas. Ainda no parágrafo único, diz que “os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender a adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental” o que demonstra um descumprimento de tal conformidade.

A temática ambiental está presente em alguns cursos de licenciatura, mas, no geral, a abordagem dada ao tema restringe-se a área específica desse curso. Não existe uma interação entre as diferentes áreas do conhecimento de tal forma que essa postura se reflita no trabalho realizado com os alunos. Além disso, em muitos dos cursos, a problemática não recebe nenhum tratamento mais sistemático. (CARVALHO, 1989, p. 250 apud MACHADO, 20017, p. 92).

⁹ SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Além da capacitação extracurricular, foi perguntado também sobre a formação dos professores na dimensão ambiental e novamente a negativa ressalta tal descumprimento, pois, na escola particular a grande maioria, 67% dos professores relataram não terem tido contado com EA na formação, entre eles, 4 professores afirmaram tal fato e 2 disseram que na época em que se formação, não havia esse tipo de preocupação.

Aí é que tá, eu... na formação da escola de Artes, a questão ambiental era vista de outra forma. Porque hoje eu tenho mais de 30 anos de formação de arte. Claro que, venho fazendo, fiz pós-graduação depois, venho fazendo outros cursos. Isto está cada vez mais constante, com essa observação, esse olhar pra questão ambiental hoje ela deve estar praticamente em tudo, Mas na minha primeira formação, né, quando eu fiz faculdade de arte, não. Não me lembro não. Inclusive a preocupação foi a mínima [...]. (PROFESSORA DE ARTES DA ESCOLA PARTICULAR).

As duas professoras que afirmaram que haviam outra visão relataram que fizeram pós ou cursos relacionados a área em outros momentos, uma delas citou um curso oferecido pela UNILEVER¹⁰, que ao seu ver mudou a forma como pensava a questão da água. Três dos professores restantes afirmaram ter participado de disciplinas que remetiam a questão ambiental, sejam na graduação e pós, apenas um dos professores relatou que havia uma disciplina obrigatória na faculdade com essa visão para todos os cursos.

No CTPM 4 professores dos 9 entrevistados relaram que tiveram contato com a EA na formação, 2 deles dentro da grade do curso de graduação, 1 com capacitação sobre aspectos referentes a preservação do solo local (APA cárstica)¹¹ e a última restante, professora de geografia, relatou ter feito pós em EA, além de curso de extensão na temática. Os outros 5 professores afirmaram não ter tido contato, um deles relatou que na época em que formou as questões ambientais não tinham tanta ênfase, sendo um assunto que foi adentrando aos poucos o espaço educacional e social, além disso relatou também das experiências em outras escolas, que permitiram sua formação além da academia, já que quando formou não percebeu esta temática.

Na minha faculdade, igual eu te falo, esses assuntos, eles permearam a formação da gente, foi chegando devagar há muito tempo atrás. Hoje já tem bastante, bastante registro, bastante, vão supor, igual eu fui na biblioteca achei bastante coisa lá, sobre o projeto que eu queria, entendeu? Mas hoje, o diálogo ele é muito grande, tem muita coisa que na época não tinha, então tinha poucos... a gente trazia o que era uma tendência falar sobre isto. Aí vem as temáticas, depois vem sustentabilidade [...]. PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA ESTADUAL.

¹⁰ A UNILEVER é uma empresa que possui mais de 400 marcas de produtos de higiene, limpeza, produtos alimentícios. Atualmente a empresa não possui mais filial no município de Vespasiano.

¹¹ Área definida pela predominância do calcário na formação das rochas. O município próximo, Lagoa Santa foi percebido pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) como área propícia a formação de cavernas e sítios arqueológicos, pelo estilo de logo predominante da região, então passível de ser preservado.

Também na escola municipal a grande maioria dos professores relataram não terem tido contato com a EA na formação acadêmica, 5 dos 9 entrevistados, entre estes, a professora de português que afirmou que seu contato seu deu já em atuação de docente, quando atuou em escolas em São Paulo, na sua opinião lá, percebia o tema de forma mais evidente. Do restante, os 3 citaram o contato nas disciplinas da graduação, entre estes, 1 deles com parte prática e desenvolvimento de projetos e outro, que ainda está em formação na graduação em matemática e substituiu a professora de ciências, disse ter algumas disciplinas de matemática ligadas a parte ambiental, sem contar a parte extracurricular. Este mesmo professor citou que teve formação indígena, mas não a considera como ligada as questões ambientais.

[...] Então assim, mas na formação foi só isso mesmo, agora pra atividade extra curricular, na formação, eu acho que... não, não tive. Voltada pra EA não. Voltada pra educação indígena eu tive, mas pra EA não, porque minha formação é matemática, né, então querendo ou não o pessoal tá com outra visão. Não tem essa preocupação, na verdade, não deveria ser, mas, né, por a escola ser disciplinar, né, separado por disciplinas, acaba que, a preocupação da fala vai ser com a professora de português, a preocupação da interpretação de gráficos, é matemática, a ciências vai ter que cuidar do corpo, da higiene e do meio ambiente e acaba que separa, categoriza. (PROFESSOR DE CIÊNCIAS DA ESCOLA MUNICIPAL).

A formação dos professores tanto em capacitações, quanto na própria graduação seria de grande relevância para compreenderem mais sobre a importância das questões ambientais e assim disseminarem mais práticas ambientais com metodologias variadas em tais.

Apesar da inserção da EA não ser recente no ensino formal, ainda são limitadas as oportunidades de formação continuada dos professores, onde podem ser tratados os conceitos, objetivos e metodologias a serem empregadas. Reflexo disto é percebido nas concepções e práticas dos educadores, que trabalham ações desarticuladas de fundamentações teóricas e das correntes da EA. (VENDRUSCOLO et al, 2013).

Outro grande entrave para a efetividade da EA é o fato de haver uma variação muito grande em entender o que é a EA. Se a pluralidade de ações na temática é importante, o fato de no ensino não haver um entendimento dos professores com o significado das práticas de EA acaba fazendo com que todas as situações referentes a meio ambiente sejam incorporadas como EA, além de alguns professores o fazerem e nem entenderem o que estão fazendo.

Para compreender um pouco mais essa interface, foi perguntado a todos os entrevistados o que entendiam por EA e pelo menos 70% dos entrevistados usaram palavras como: conscientizar, preservar, respeitar, cuidar, proteger e resgatar. Autores como Neves (2004); Reigota (2009) e no documento “Vamos cuidar do Brasil” de 2007, refletem sobre algumas destas palavras, como conscientizar, já que para eles “uma pessoa não passa automaticamente a sua consciência sobre qualquer tema a outra pessoa, apenas pela transmissão de conhecimentos”.

Ora, e o que é conscientizar? É um conceito com muitos significados, mas normalmente quando as pessoas fazem menção a ele querem dizer: sensibilizar para o ambiente; transmitir conhecimentos; ensinar comportamentos adequados à preservação desconsiderando as características socioeconômicas e culturais do grupo com o qual se trabalha. Em resumo, dar ou levar consciência a quem não tem. E é aí que está o risco, pois fica pressuposto que a comunidade escolar não faz certo porque não quer ou não conhece ou não se sensibiliza com a natureza. (BRASÍL, 2007. p. 69).

Além do julgamento de tentar transmitir conhecimentos que se pressupõe uma consciência, existe um fator de que um dos lados é mais sensibilizado, o que também não auxilia na EA crítica. As limitações de todas estas palavras precisam então ser enfatizadas.

Aqui surge uma questão que merece aprofundamento analítico em outra oportunidade, pois “conscientizar” e “sensibilizar” são conceitos que remetem, normalmente, a uma visão unidirecional do professor para o aluno, da escola para a comunidade desconsiderando os processos dialógicos educador-educando e os complexos problemas envolvidos na realidade de cada grupo social e “comunidade de aprendizagem”. Assim, a princípio, parece existir uma contradição entre os dois primeiros objetivos fortemente destacados e o terceiro, algo a ser repensado e problematizado pelo corpo escolar. (BRASIL, 2007, p. 60).

Outro fator de alerta aos termos citados é a motivação desta preservação, respeito e cuidado com o meio ambiente, pois para grande parte dos professores isto deve ser feito para que os recursos venham atender a esta geração e as próximas.

É a preservação do que nós temos para que as futuras gerações possam usufruir também, né. Porque se a gente continuar do jeito que está, futuramente pode ser que não tenha tanto quanto nós temos, e nós já temos pouco em comparação ao passado.
(PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ESCOLA PARTICULAR).

Esta visão de EA acaba sendo atrelada ao desenvolvimento sustentável, conceito que surgiu no encontro do Clube de Roma em 1968, Sato (1997) e Sachs (2000), falam sobre a incoerências do termo que propõe mais ou menos a lógica de se continuar desenvolvendo da forma como o mercado percebe, limitando este desenvolvimento ao posto de não atrapalhar as gerações futuras, além de não ser possível pautar quais serão suas necessidades.

Atualmente, o conceito de desenvolvimento sustentável indica claramente o tratamento dado à natureza como um recurso ou matéria-prima destinado aos objetivos de mercado cujo acesso é priorizado a parcelas da sociedade que detém o controle do capital. Este paradigma mantém o padrão de desenvolvimento que produz desigualdades na distribuição e no acesso a esses recursos, produzindo a pobreza e a falta de identidade cidadã. (SORRENTINO et al, 2005, p. 289).

Os conceitos de harmonia, valorização, cuidado, ainda podem ser vistos em 15% das perspectivas como o fato de tornar a natureza de forma romântica e distante, como se não fizessemos parte do meio ambiente, para Neves (2004) essa ênfase é marcada pelo fato de o homem ser visto como o sujeito mau, que está destruindo a natureza, diga-se a “forma de encarar a relação da sociedade com a natureza nos remete ainda à questão ética da intencionalidade da conservação dos recursos naturais” (NEVES, 2004, p. 60) ainda, o fato de

que “rituais descontextualizados de amor à natureza não tornarão ambiental nem a sociedade nem a educação, e não contribuirão para a construção de relações mais corretas [...]” (NEVES, 2004, p. 115). A EA então é vista como ações e práticas para o ambiente natural.

Cuidar, né, reciclar o que é reciclável, não jogar no chão coisas que, né, ferem a natureza. Cuidar de árvores...ai, o que mais... Ter educação mesmo, não só de alunos, mas nós também, porque a gente cobra muito de aluno, mas tem muitos que cobra aqui, mas ali fora faz, né. É isso. (PROFESSORA DE MATEMÁTICA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Entendo que seja, modificar um pouco a cultura da gente de ser simplesmente um destruidor do meio ambiente, um destruidor das coisas e sim, poderia, nós poderíamos modificar essa história e modificar o futuro a partir de uma única pessoa, a partir de nós. Cada um contribuiu e fez a sua parte, a gente teria uma boa EA e também passaríamos isso as próximas gerações. (PROFESSORA DE MATEMÁTICA DA ESCOLA PARTICULAR).

Os demais professores, também 15%, difundiram entendimentos sobre a criação de um espírito crítico, e à novas relações que se fazem necessário surgir sobre o homem e o ambiente, com mudanças de comportamento e visões a respeito do planeta, uma abordagem próxima do que Reigota (2009) vê como EA crítica, que abrange os aspectos sociais, políticos e que tende a uma nova conformação da relação homem/ambiente.

A educação ambiental deve procurar favorecer e estimular possibilidades de se estabelecer coletivamente uma “nova aliança” (entre os seres humanos e a natureza e entre nós mesmos) que possibilite a todas as espécies biológica (inclusive a humana) a sua convivência e sobrevivência com dignidade. (REIGOTA, 2009, p. 14).

Às diretoras das escolas, foi realizada a pergunta, sobre o que acham que deveria ser modificado para melhor efetividade da EA no ensino. Para a diretora da escola municipal e particular, seria a inserção da educação ambiental como disciplina.

Olha, talvez se instituisse mesmo como uma disciplina, né, se for instituído como uma disciplina paralela a ciências, se ela fizesse parte realmente do currículo, que ela é um tema transversal, né. Mas que ela fizesse parte realmente do currículo, a EA, visto que, se não houver planeta, se não houver essa educação ambiental, o planeta corre sérios riscos, a água, tudo corre muito risco. E se o aluno for conscientizado, mobilizado mesmo, sobre essas questões, eu acho que vai complicar. Então eu acho que deveria ser considerado uma disciplina, mesmo, a EA. (DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Eu acho que tem que ter sim, se fosse possível ter até um conteúdo específico, né, de ter uma aula mesmo, professor que trabalhasse essa conscientização com os alunos, mas como isso não é possível, dentro de cada conteúdo os professores procuram trabalhar, né. O professor de português procura textos dentro deste assunto, o de geografia, de história, algumas matérias é meio difícil, né. Trabalhar sustentabilidade em matemática é complicado, mas onde é possível, estão sempre trabalhando sim. (DIRETORA DA ESCOLA PARTICULAR).

Brasil (2007) e Reigota (2009), criticam a tentativa ou visão de se ter a EA como uma disciplina por vários motivos, o fato de ser uma lei que ela perpassasse todos os conteúdos, de que suas multidimensões não se encaixam em uma disciplina pré-estabelecida, além de ser “uma

perspectiva pedagógica e política” (REIGOTA, 2009, p.93) que vai além desse encaixe disciplinar.

Estamos falando de uma educação ambiental que não seja conteudística, centrada na transmissão de informações sobre o meio ambiente; que não seja normativa, isto é, aquela que procura ditar regras de comportamentos a serem seguidos, sem rever os valores nem refletir sobre nossa ação no mundo. Assim, acreditamos numa educação ambiental que promova a reflexão na ação, entendida como práxis educativa, e que nos permita identificar problemas e conflitos relativos às nossas ações e à nossa própria presença no planeta, condicionada por nossa forma de pensar, nossos valores, nosso tempo histórico, nossa cultura etc. e que reflète igualmente nossas escolhas cotidianas como produtores e consumidores de bens e serviços. (BRASIL, 2007, p. 105).

A diretora da escola estadual ao ser questionada sobre o mesmo fato, de que ao seu ver poderia ser modificado para melhor efetividade da EA no ensino, citou a falta de apoio, em capacitação a professores e alunos.

O que que poderia ser modificado? Eu acho que a secretaria de educação poderia mandar, né, profissionais capacitados pra darem cursos pras crianças, pras outras escolas, públicas, privadas. (DIRETORA DA ESCOLA ESTADUAL).

A questão de apoio também foi enfocada por um dos professores da escola particular, que elencou uma falha por parte do MEC, para este docente falta o “b-a-bá” e que sem isso a EA acaba sendo uma falácia, ele cita a falta de materiais didáticos e que deveria haver um projeto maior para esta efetividade. Também vê dificuldades na transversalidade, pois como um tema em que todos os professores precisam trabalhar, na prática segundo ele, poucos o fazem.

Seria, porque quando você coloca como tema transversal, você acaba não colocando como eixo temático. Então o eixo eu tenho que trabalhar, mas o tema transversal eu posso encaixá-lo, no meu entendimento, dentro de algum tema ou vários professores infelizmente nem assim o fazem. Então como tema transversal eu vejo que não dá resultado. São resultados pontuais, e aí cada escola desenvolve um trabalho do jeito que ela acha mais eficiente. Então não tem uma coisa linear, é pontual. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA 2 DA ESCOLA PARTICULAR).

Para 80% dos entrevistados, foi perguntado se consideravam importante que existisse EA nos locais de trabalho, 20 deles responderam de forma positiva a pergunta, 4 destes salientaram que a EA deveria ser multiplicada não só no ambiente em que trabalhavam, mas em outros lugares.

Com certeza. Se é educação, que esteja em todo lugar, principalmente na escola. (PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA MUNICIPAL).

É, é importante em qualquer lugar. (PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ESCOLA PARTICULAR).

Para outros 16 professores a abordagem de EA auxiliaria na preservação e mudança de mentalidade em relação a práticas de destruição com relação ao meio ambiente. Um professor

apenas, da escola particular, respondeu à pergunta como talvez, pois para o mesmo a EA precisa ser modificada, com melhores materiais didáticos, entre outros aspectos.

Foi também perguntado a grande maioria dos professores, com exceção da professora de inglês 2 da escola estadual, se consideravam que a EA poderia contribuir de alguma forma para a melhoria do ensino. Quatro professores consideram que dependeria de mudanças como uma educação ambiental mais prática, que não envolvessem com discursos centrados na sustentabilidade como formato atual ou como um deles citou se houvesse um pensamento não conteudista de disciplinas, além de que a EA segundo a professora da escola estadual muitas vezes encontra um ambiente repulsivo.

Poderia, desde que... a única coisa que eu não gosto da EA é a tal da sustentabilidade. Eu não gosto dessa palavra e eu tenho uma visão de sustentabilidade como sendo uma forma que o capitalismo inventou pra continuar suas atividades poluentes. Então você preserva, aqui nós temos uma empresa que é a Soeicom, aqui em Vespasiano, preserva um pouco de mata, mas as atividades poluentes continuam no município inteiro. Não, mas eu tenho a preservação ambiental... Então eu acho que a EA ela tem que ser bem direcionada, pra não cair na falácia da sustentabilidade, no meu ponto de vista. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA 2 DA ESCOLA PARTICULAR).

Sim. Primeiro, tinha que ser mais prático, né. Através de práticas, né. Na verdade, assim, quando a gente chega na escola, isso não vai tá aí na resposta, mas a gente descobre que não é assim tão simples, sabe? Toda a teoria da EA, e tal, quando a gente chega na escola, a gente vê a escola como um ambiente muitas vezes repulsivo a EA. Sabe? Então assim, não tem coleta seletiva, e mesmo se tiver, pra onde que vai, quem vai recolher, é... você vê, né, cada vez mais cimentando a escola, né, então a gente tinha uma área ali de terra, mas a ideia é, natureza é suja, né, então tem que asfaltar, tem que passar cimento, né. (A professora perguntou de novo qual era a pergunta). Sim, porque ela é prática né, então a partir das práticas. A partir do momento que você insere a EA no ensino você contribui pra melhoria do ensino, porque você vai estar levando o aluno a uma prática, saindo um pouco da teoria, né? Porque EA e teoria, elas são poucas, não é suficiente, cê dá prática pra realmente ser EA. (PROFESSORA DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ESTADUAL).

Dois professores inverteram a pergunta, salientando que acreditam que a educação é quem pode contribuir para a educação ambiental, auxiliando na preservação ambiental e levando uma consciência com olhar mais crítico. Os demais professores, sendo 19 deles, responderam de forma positiva, relatando o fato de a EA possibilitar qualidade de vida, por meio da preservação, entre alguns deste, viu-se a preocupação em formar cidadãos que pensassem em suas atitudes como parte da mudança.

Sim, com certeza! Ai, ai... olha, a gente fica sonhando demais, mais eu acredito o seguinte, é tudo uma coisa só. O que tá faltando, das pessoas, pelo menos assim, da maioria das pessoas que eu tenho contato, na hora que a gente fala da EA, que as pessoas falam como se fosse alguma coisa que não fosse ele. Acho que o que tá faltando, que seria acho que uma solução super interessante, se nós conseguíssemos, aí eu não saio fora, porque nós educadores temos essa parcela de responsabilidade, é se conseguíssemos colocar as questões ambientais de uma forma que todas as pessoas se entendessem como meio ambiente, porque acho que falta se enxergar, é se ver como meio também, sabe? Você fala do lixo que não é você, fala do cartaz que tá pregado ali que não é você, você esquece que você também pode tá extinto, né. (risos)

Você fala, igual, eu falo do extinto, de extinção, é... de animais que estão acabando, né, tem espécies que não existem mais e tal, e o ser humano fala desse outro sem se colocar enquanto meio ambiente, eu acho que é isso que falta. Porque a partir do momento que você entende meio ambiente como tudo junto, acho que não tem como não agir, não tem como, né. Então é muito importante, tentar isso, se isso é possível, mas a tentativa se ela for feita, assim, pelos órgãos públicos, pelas escolas, pelas famílias... a coleta seletiva gente, separar alguma coisa que você vai jogar fora, eu assim, com uma semana separando, eu as vezes não tenho lugar, tenho que correr atrás de lugar pra colocar, porque a gente joga muita coisa fora e isso é uma casa com quatro pessoas. Tem mais um tanto de gente fazendo isso, mudança, transformação, que pode ocorrer. (PROFESSORA DE ARTES DA ESCOLA PARTICULAR).

Eu acredito que sim, porque minha maior preocupação é formar cidadãos, né, minha maior preocupação é conscientizar os alunos. Porque não adianta a gente só ensinar o que tá no livro, a gente mostrar pra ele o que que atitudes deles podem contribuir, né, que eles podem ajudar pra, tanto pros pais, tanto pros colegas, né, fora, os amigos. Então aqui minha maior preocupação é justamente isso, eles entender porque que não é legal jogar um lixo no chão, porque que é importante respeitar os seres vivos em geral. Qual que é a importância da reciclagem, então assim, a importância maior na minha visão com relação a educação ao meio ambiente é mostrar pra eles qual que é o papel deles aqui. (PROFESSORA DE CIÊNCIAS DA ESCOLA ESTADUAL).

Sim, com certeza, né, você formar um pensamento crítico e social, passa principalmente pela EA, né, pela conscientização, seu consumo, né, da sua relação com o outro, com o meio ambiente, eu acho isso importante. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA DA ESCOLA MUNICIPAL).

Pode-se perceber que também é recorrente na fala da secretária de educação, que ao ser perguntada se acha que a EA poderia contribuir no desempenho da educação do município, respondeu da seguinte forma.

É uma forma de exercitar a cidadania e ao mesmo tempo promover a qualidade de vida. (SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO).

Se refletirmos no fato que a EA pode compreender uma atuação prática e levar o aluno ao plano dos aspectos do cotidiano em que se pode interagir, provocar mudanças, a EA faz sim uma ponte para melhor comprometimento a educação, ela, como a própria educação não transforma a sociedade, mas é um princípio para o fazê-lo. (FREIRE, 1981 apud SATO, 1997).

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos... (FREIRE, 1981 apud SATO, 1997, p. 62).

Além de partilhar a prática a EA consiste em apresentar o discente um cunho cidadão, permitindo-o conhecer aspectos positivos e éticos ao planeta, incluindo-se neste escopo, para que possa tomar atitudes que compartilhem tal expectativa. Viu-se que em todos os Planos Políticos Pedagógicos existia a preocupação na formação cidadã dos alunos, e a EA pode ser

um caminho, junto a outros, para possibilitar esta experiência, já que a EA pode auxiliar a estimular os alunos em suas próprias disciplinas e no ambiente escolar como um todo. (REIGOTA, 2009, p. 45).

A EA então é vista também como questão política, o que de acordo com os PPP's escolares trabalhados nesta pesquisa é também uma missão da escola, apresentar aos alunos.

A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum. (REIGOTA, 2009, p. 13).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou estabelecer um diagnóstico das práticas de EA nas escolas do município de Vespasiano, pois sabe-se que “a incorporação da EA à educação guarda em si a possibilidade de se compreender a crise ambiental [...] a EA dá fôlego para aqueles que desejam traçar caminhos concretos para as transformações do modelo social [...]” (MACHADO, 2007, p. 24). Vários autores já afirmaram que, “a escola tem um papel político importante na sociedade moderna, sendo um espaço de formação de cidadãos” (RODRIGUES, 2001 apud MACHADO, 2001, p. 23), e portanto, se dentro da escola as práticas de EA forem aplicadas em sua totalidade, poder-se-á cumprir os objetivos que a tange, entretanto, ainda é permitido ver algumas carências e dificuldades da sua inserção no ambiente escolar.

Na escola estadual, foi possível compreender através desta pesquisa, que existem abordagens das questões ambientais em momentos pertinentes, ditos momentos cívicos. Alguns professores como geografia e ciências buscam fazer esta abordagem em suas disciplinas, na inserção nos conteúdos, contudo falta um trabalho que seja realmente interdisciplinar, onde haja não só questões pontuais trabalhadas, mas uma relação da EA com todos os conteúdos e para além deles.

Vê-se de forma pouco diferente, as práticas de EA que ocorrem na escola municipal, onde também os trabalhos na questão ambiental são encontrados em datas ou projetos que não fazem uma conexão do meio ambiente como um todo, mas uma abordagem de utilizar os recursos de forma sustentável, o que não é ruim, mas não é a única interferência da EA.

Nas duas escolas é possível salientar que os currículos apertados e as poucas aulas por semana, dependendo das disciplinas, acabam limitando ainda mais que os professores trabalhem a EA no cotidiano. Os projetos desenvolvidos em seus ambientes, acabam sendo pontuais e desconexos, como foi citado pelo professor de ciências.

O problema, é que a gente só tá habituado a falar disso, quando é uma data importante, ou quando tem um evento ou quando tem uma feira. A gente vai lá, abre a caixinha, fala daquilo rapidinho pra não perder tempo, né, e quando eu falo não perder tempo, eu falo por efeito prático, como as pessoas geralmente interpretam isso, fecha a caixinha e não falam disso mais, sabe, e aí volta pro que é. Por que na verdade é o mais fácil. Daí, não é nem, as vezes, uma má vontade do profissional ou incompetência, nada disso, eu acho que é o modo como as coisa são, sabe, que quando você tem uma determinada série de coisas, cobrança nos professores, eles tem uma carga de trabalho, eles tem coisas pra cumprir, conteúdo pra cumprir e muita coisa, você fazer coisas fora daquilo ali, é difícil, então você fica preso, porque se você tenta fugir daquilo que tá ali, algumas obrigações ficam sem fazer, sabe. E é cobrado, então se fosse mais flexível e a metodologia de ensino ativa, ela tenta provar isso, que quando você consegue romper com as barreiras do tradicional, os meninos deslançam. (PROFESSOR DE CIÊNCIAS DA ESCOLA MUNICIPAL).

O debate pedagógico em geral, afirma que na educação se faz necessário haver uma ligação para que o aluno compreenda a totalidade dos conteúdos, trazendo para si uma dimensão prática.

[...] é preciso trabalhar com projetos bem estruturados, que integrem professores de diversos conteúdos, buscando a interdisciplinaridade e, principalmente, que despertem a curiosidade dos alunos. Assim, os projetos podem ter um tema sugerido pelos próprios alunos ou pela equipe da escola, desde que busque a integração dos conteúdos escolares com a vivência do aluno, no seu dia-a-dia, fazendo-o perceber a ligação entre o que é visto na escola e o ambiente existente a sua volta. (SILVA, 2008. p. 43).

Já na escola particular vê-se a inserção de práticas ambientais em algumas disciplinas, se limitando praticamente a áreas biológicas, essa divisão de disciplinas, é então uma primeira barreira para disseminação de conteúdos que não estejam atrelados a disciplinas, mas que transcendem as mesmas, partilhando em todo o processo de aprendizado, sua contribuição. Há raros projetos de integração entre as disciplinas, de forma que alguns professores veem esta defasagem e ao serem perguntados como poderiam inserir a EA nas suas aulas, apenas enxergam a parte interdisciplinar como algo que complementem suas disciplinas.

Poderia. Talvez com alguns projetos interdisciplinares. (PROFESSOR DE GEOGRAFIA 2 DA ESCOLA PARTICULAR).

Foi então possível concluir que em todas as escolas existem práticas que são ditas EA, mas que, no entanto, carregam doses de disciplinas biológicas e/ou geográficas, pois não contemplam questões muitas vezes ligadas a proximidade do aluno, além de serem por vezes pontuais, o que desperta o fato de compreenderem momentos entre datas específicas, onde algum trabalho é realizado, não dando sequência.

Distingue-se também de algumas abordagens recentes que procuram incorporar objetivos educacionais para além da transmissão de conteúdos e da sensibilização, admitindo os limites da tendência anteriormente citada, mas que acabam por cair em outro tipo de reducionismo: interpretar os processos sociais unicamente a partir de conteúdos específicos da ecologia biologizando o que é histórico-social. (BRASIL, 2007, p. 67).

Vê-se que a EA possui força no ambiente escolar de forma discursiva, mas que na prática não se mostra coerente, um dos fatos em grande parte relacionados neste trabalho não somente a estrutura conteudista ou falta de apoio de outros agentes, mas das próprias instituições que regem o ensino, que não dão aporte material e intelectual para ação dos professores seja em suas formações, sejam em capacitações pertinentes ao tema. Existe ainda a dificuldade do professor em trabalhar a interdisciplinaridade, “um dos motivos para esse despreparo, de acordo com os professores, é que a universidade não os preparou para a interdisciplinaridade, erro que ainda hoje persiste nos cursos de licenciatura” (BIZERRIL e FARIA, 2001 apud SILVA, 2008, p. 42).

Isso porque o trabalho interdisciplinar ainda é visto com muita dificuldade por parte da maioria dos professores. Um dos motivos dessa dificuldade é, sem dúvida, o medo de exposição de muitos professores que preferem continuar trancados em suas salas de aula a expor seu trabalho diante dos outros, se abrindo e se sujeitando a possíveis críticas. Além disso, professores de disciplinas tidas como mais importantes tendem a se afastar de projetos que não tratem de seus conteúdos específicos, alegando precisar de tempo para poder cumprir seus planos de curso. (SILVA, 2008. p. 41).

Viu-se também uma outra perspectiva recorrente no ensino brasileiro, que é o fato de por condições melhores ou por outros muitos motivos, os professores atuarem em mais de uma escola, fazendo com que seja mais difícil o planejamento das aulas e que dirá abordagens com outros professores, de forma a alcançar a interdisciplinaridade. Apenas na escola municipal havia um dia considerado módulo para o professor, onde podia planejar suas atividades, ainda assim a interação com outros professores é impossibilitada por cada módulo ser disperso entre os dias da semana, sendo possível a discussão, quando o é, somente com o professor que estiver em mesmo dia de módulo. Isto também pode ser percebido pelo aspecto de muitos não reconhecerem o trabalho do outro, desconhecendo o que o professor que está tão próximo tem trabalhado em sala, não permitindo até haver links entre os conteúdos, proporcionando um aprendizado mais palpável aos estudantes.

É ainda permitido observar nestes processos a interrupção, muitas vezes por tal fato, e pela ação de somente um professor que por algum motivo não lhe é permitido dar sequência a um projeto e o mesmo não mais prossegue, mostrando outra dificuldade, a interdisciplinaridade tão enfatizada nas abordagens em EA. As três escolas presentes neste estudo partilharam isto, duas delas pelo fato dos professores que realizavam o trabalho, terem saído da escola e a outra pela ausência do professor por doença. Effting (2007, p. 27) fala da tarefa exaustiva de implementar a EA nas escolas e principal na manutenção e continuidade dos projetos já existentes citando como contribuição para isto, o tamanho da escola, número de alunos e vontade de atuação de professores e diretores para trabalhar em alterar uma rotina de divisão já persistente na escola “dado que a Educação Ambiental não se dá por atividades pontuais, mas por toda uma mudança de paradigmas que exige uma contínua reflexão e apropriação dos valores que remetem a ela, as dificuldades enfrentadas assumem características ainda mais contundentes”. (EFFTING, 2007, p. 27).

Outro ponto importante neste trabalho e que desperta atenção é o fato da não interação entre as secretarias, apenas uma professora em todas as entrevistas, citou a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, como desconhecendo práticas da mesma em relação ao processo educativo, o que faz pensar na importância que caberia a esta secretaria em aliança a Secretaria Municipal de Educação uma parceria para auxílio nas práticas de EA.

Outro aspecto relevante, é que os próprios trabalhos citados nesta pesquisa de capacitação por competência de empresas, são pontuais e não destinados propriamente aos docentes, mas aos alunos, que cumprem o papel de desenvolverem algum projeto dos quais na maioria das vezes não tem sequência lógica do que lhe é aplicado no ambiente escolar. Falta uma continuidade nesta aplicação em decorrência dos conteúdos e também uma aparência de cumprimento de responsabilidade social por parte das empresas.

Observa-se esta carência de efetividade da EA em ambiente público e particular, sem desmerecer, no entanto, as facilidades de no ambiente particular haver menor número de alunos em sala e condições aparentemente melhores de trabalho, como é possível concluir neste trabalho uma melhor continuidade de tempo de trabalho dos docentes. Contudo, para esta pesquisa não se evidenciou pontos destoantes entre os diversos campos de ensino, senão os pontuais já percebidos na educação.

Brasil (2007, p. 30) dispõe que no ensino fundamental II “convém desenvolver o raciocínio crítico, prospectivo e interpretativo das questões socioambientais bem como a cidadania ambiental”, este raciocínio crítico partilha das ideias que Reigota (2009, p. 13) chama de educação ambiental como educação política, que busca uma análise da relações pertinentes a política, economia, cultura, esta educação que está comprometida com a cidadania é a mesma que conta nos objetivos do PPP de cada escola trabalhada neste trabalho, que visa preparar os alunos para serem cidadãos responsáveis e respeitosos.

Educação ambiental significa educar com a perspectiva da projeção da vida, na vida e por ela. Para tanto impõe-se uma escola capaz de se organizar através de diálogos com a realidade, diálogos críticos e propositivos com base na autonomia de ideias e práticas que se entrelaçam permanentemente. (BRASIL, 2007, p. 116).

Esta pesquisa se faz pertinente, pois um bom diagnóstico é o primeiro passo na busca de soluções efetivas, calçadas na experiência e respeitando as realidades socioambientais locais. As práticas críticas que se situam neste trabalho corroboram com as perspectivas socioambientais que consideram o meio ambiente como um todo e que atua na dimensão do conflito de forma holística, pautando então em uma educação ambiental política.

Após todos os comentários pertinentes nesta pesquisa, conclui-se que falta diversos fatores para efetividade da EA no município, alguns trabalhos interessantes já são realizados por professores dispostos, mas a falta de formação, capacitação, apoio e os entraves e singularidades do ensino limita-os para práticas que tem maior tendência ecológica.

9 BIBLIOGRAFIA

ARARUNA, Lucimar Bezerra. **Investigando ações de Educação Ambiental no Currículo Escolar**. Rio de Janeiro: UFRJ/ CFCH, 2009. 144p.

Belgo Bekaert Arames. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.belgobekaert.com.br/SitePages/Inicio.aspx>> Acesso em 12 jun. 2017.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo VI – Meio Ambiente, Art. 225 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo III - Da Educação, Art. 205. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL, INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Prova Brasil: avaliação do rendimento escolar**. Disponível em: <<http://sistemasprovabrazil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/>> Acesso em: 22 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394/96. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Prova Brasil – apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>> Acesso em: 18 jan. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA**. 3. ed - Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/pronea_3.pdf> Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente**, Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>> Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Ambiental**, Lei 9.795, de 27/04/1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm> Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL, **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007. Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber.

CARVALHO, Ely Bergo. **A questão ambiental e os professores de história da rede pública de ensino de CUIABÁ**, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269113531_ARQUIVO_ArtigoRecife20103.pdf> Acesso em 20 jan. 2017.

CIMENTOS LIZ. **Perfil**. Disponível em: <<http://www.cimentosliz.com.br/home>> Acesso em: 12 jun. 2017.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios**. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento Para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=317120>> Acesso em: 01 maio 2017.

IDEB. **Vespasiano: IDEB 2015 por escolas**. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/cidade/2133-vespasiano/ideb/ideb-por-escolas?dependence=5&grade=2&edition=2015>> Acesso em: 14 jun. 2017.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**-Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília, s/d. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/MANZINI-Jos%C3%A9-Eduardo-Entevista-semi-estruturada-An%C3%A1lise-de-objetivos-e-de-roteiros.pdf> Acesso em: 23 maio 2017.

MINAS GERAIS. **Regimento do Sistema de Educação Escolar da PMMG**. Lei nº 6260, de 13 de dezembro de 1973.

NEVES, Paula Cals Brugger. **Educação ou adestramento ambiental?** 3. ed. rev. ampl. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. 199p.

PNUMA, Programa Nacional das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Disponível em: <<http://www.pnuma.org.br>> Acesso em: 18 maio 2017.

REIGOTA, Marcos.; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. 206 p. (Série cultura, memória e currículo; 8).

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2009. 107 p.

SACHS, Wolfgang (ed.). **“Introdução” e “Meio Ambiente”**. **O dicionário do Desenvolvimento**. São Paulo: Vozes, 2000.

SATO, Michele. **Educação para o Ambiente Amazônico**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 1997. 245p.

SILVA, Andréa Cristina Sousa e. O trabalho com educação ambiental em escolas de ensino fundamental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** V. 20, jan/jun. de 2008, p. 37-52.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; JUNIOR, L. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

UNESCO. Carta de Belgrado. Belgrado, 1975. In: SÃO PAULO (Estado). **Educação Ambiental e desenvolvimento: documentos oficiais**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Educação Ambiental, 1994, p. 11-25. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/EA_DocOficiais.pdf>. Acesso em: 18 maio 2017.

VENDRUSCOLO, G.; CONFORTIN, A.; MANICA, K.; ARESI, D. Concepção e práticas de professores sobre educação ambiental em escolas públicas. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** V. 30, n.2, p. 49- 63, jul./dez. 2013.

VESPASIANO. **História**. Disponível em: <<http://www.vespasio.mg.gov.br/perfil/historia/>> Acesso em: 01 maio 2017.

ZAKRZEVSKI, Sônia Balvedi (Org.). **A Educação ambiental na escola: abordagens conceituais**. Erechim/RS: Edifapes, 2003. 132 p. : il.; 26cm. - (Série Cadernos temáticos de educação ambiental; 1).

10 APÊNDICES

10.1 Apêndice A – Roteiro das entrevistas realizadas aos professores, diretores e Secretária Municipal de Educação

Cargo: Secretária de Educação de Vespasiano

Dados: Nome/ Tempo da Secretaria Municipal de Educação/ Tempo de formação

- 1) Como percebe a educação do município de Vespasiano? Quais os desafios do cargo de Secretária de Educação?
- 2) Existem projetos ou capacitação pública e/ou privada para auxiliar a Educação Ambiental no município? Quais? Poderia descrever?
- 3) O que entende como Educação Ambiental? Qual seria a melhor forma de inserção da Educação Ambiental nas escolas? (Projetos, disciplinas)
- 4) Como acha que a Educação Ambiental pode contribuir no desempenho da Educação do município?

Cargo: Diretor(a) de Escola Pública

Dados: Nome/ Tempo de direção da escola/ Tempo de formação

- 1) Como percebe a educação do município de Vespasiano? E da escola onde atua?
- 2) Na escola onde atua existem trabalhos que considera Educação Ambiental? Se não, por que não há? Se sim, quais? Que professores atuam nestes trabalhos?
- 3) Existem projetos ou capacitação pública e/ou privada para auxílios nestes trabalhos? Quais? Poderia descrever?
- 4) O que acha que poderia ser modificado para melhor efetividade da Educação Ambiental no ensino?
- 5) O que entende por Educação Ambiental? Acha importante que este conceito esteja inserido na escola onde atua? Por quê?

Cargo: Diretor(a) de Escola particular

Dados: Nome/ Tempo de direção da escola/ Tempo de formação

- 1) Na escola onde atua existem trabalhos que considera Educação Ambiental? Se não, por que não há? Se sim, quais? Que professores atuam nestes trabalhos?
- 2) Existem projetos ou capacitação pública e/ou privada para auxílios nestes trabalhos?
- 3) O que acha que poderia ser modificado para melhor efetividade da Educação Ambiental no ensino?

- 4) O que entende por Educação Ambiental?
- 5) Qual a importância da EA estar inserida na escola onde atua? Por quê?

Cargo: Professor(a) de Escola Pública/ Particular

Dado: Nome/ Tempo que leciona/ Tempo que leciona na escola abordada/ Disciplina que leciona/ Se leciona em outra escola

- 1) Na escola onde atua existem trabalhos que considera Educação ambiental? Se não, por que não há? Se sim, quais? Poderia descrever?
- 2) Participa de algum trabalho referente ao tema? Quais? Você poderia descrever?
- 3) Acha que a disciplina que leciona aborda a Educação Ambiental? Como? Se não, como a disciplina que leciona poderia abordar a Educação Ambiental?
- 4) Existem projetos ou capacitação pública e/ou privada para auxílio na abordagem da Educação Ambiental?
- 5) Em sua trajetória de formação, você teve alguma experiência acadêmica com Educação Ambiental? Qual?
- 6) Acha que a Educação Ambiental pode contribuir de alguma forma na melhoria do ensino?
- 7) O que entende por Educação Ambiental? Acha importante que este conceito esteja inserido na escola onde atua? Por quê?

10.2 Apêndice B – Fotos das escolas abordadas nesta pesquisa

10.2.1 Fotos da Escola Municipal Prefeito Marconi Issa



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.



Foto cedida por Marilza Costa Viana, professora de inglês.

10.2.2 Fotos do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal

10.2.3 Fotos do Colégio Elo



Arquivo Pessoal



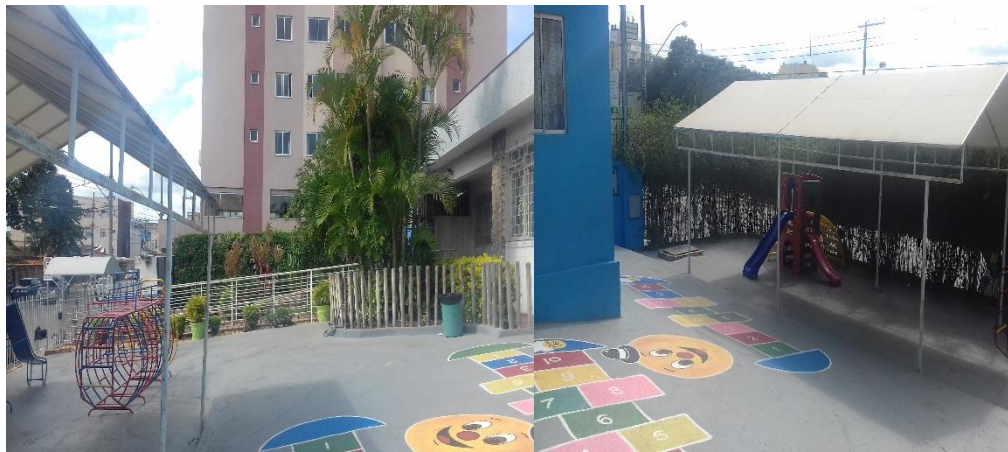
Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



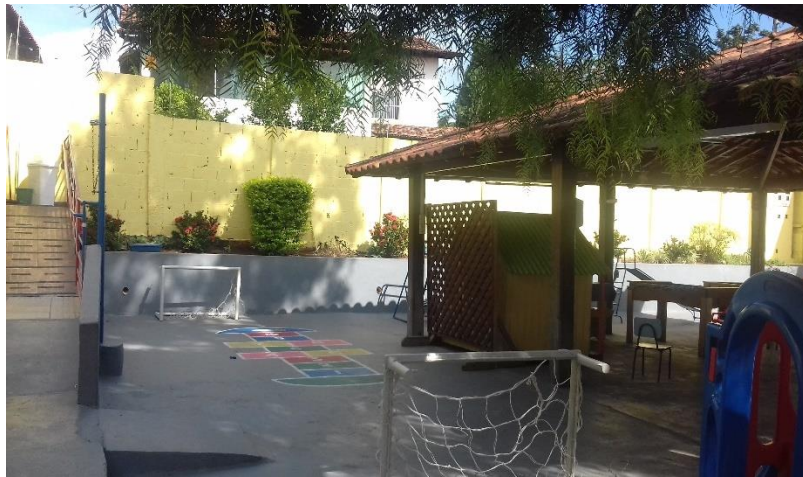
Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal